

O BASQUETEBOL
FEMININO NOS JOGOS OLÍMPICOS

1976
2016



DANTE DE ROSE JUNIOR

DANTE DE ROSE JUNIOR

O basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos

São Paulo
Escola de Artes, Ciências e Humanidades
2017



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor
Vice-Reitor
Pró-Reitora de Graduação
Pró-Reitor de Pós-Graduação
Pró-Reitor de Pesquisa
Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. Marco Antonio Zago
Prof. Dr. Vahan Agopyan
Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez
Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Prof. Dr. José Eduardo Krieger
Prof. Dr. Marcelo de Andrade Roméro

ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES

Diretor
Vice-Diretor

Profa. Dra. Maria Cristina Motta de Toledo
Profa. Dra. Neli Aparecida de Mello-Théry

Texto : Dante De Rose Junior
Editoração / capa : Ademilton J. Santana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

De Rose Junior, Dante
O basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos : 1976-2016
[recurso eletrônico] / Dante De Rose Junior. – São Paulo : Escola de
Artes, Ciências e Humanidades, 2017
1 recurso eletrônico

Modo de acesso ao texto:
<<http://dx.doi.org/10.11606/9788564842366>>
ISBN 978-85-64842-36-6 (Documento eletrônico)

1. Basquetebol. 2. Basquetebol - Feminino – Aspectos
históricos. 3. Jogos Olímpicos. 4. Basquetebol – Feminino – Brasil.
5. História do esporte. I. Título

CDD 22. ed. – 796.323

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte. Proibido qualquer uso para fins comerciais.

Gráfica EACH

Sumário

Apresentação	5
Prefácio	7
Abreviaturas	9
Introdução	11
40 anos de Histórias	15
• De Montreal ao Rio de Janeiro	
• Países participantes: números e medalhas conquistadas	
• Todos os resultados	
• As finais olímpicas	
• As estrelas	
• Grandes técnicos e técnicas	
O Brasil nos Jogos Olímpicos	51
• História e números	
• Nossas meninas olímpicas – medalhistas	
• Os adversários	
• Os técnicos e a técnica	
• A arbitragem brasileira	
Curiosidades	67
• As contagens centenárias	
• Cestinhas	
• Prorrogações	
• Destaques coletivos e individuais	
Referências	79
O Autor	83

A stylized, partial illustration of a basketball in shades of brown and orange. The ball is shown from a low angle, with thick black and white lines representing the seams. The bottom portion of the ball features a pattern of small, dark brown dots. The word "Apresentação" is centered over the lower part of the ball.

Apresentação

Apresentação

Este livro traz um pouco da história do basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos. Uma história que começou em 1976, em Montreal, exatos 40 anos após a inclusão do basquetebol no programa oficial dos Jogos. O por quê da demora em relação ao masculino nunca foi claramente explicada. Mas, assim como no masculino, o basquetebol feminino tornou-se uma grande atração, atraindo muitos aficionados, seja nos ginásios ou assistindo pela TV.

Equipes com muita qualidade passaram pelo crivo olímpico. Algumas maravilhosas como a União Soviética no início da competição e os Estados Unidos a partir da década de 1980. Outras que foram se tornando importantes com o desenrolar das competições como Austrália, Brasil, China, França e Espanha. E ainda há aquelas que aparecem esporadicamente e que marcam sua presença como coadjuvantes de um torneio recheado de estrelas.

O Brasil, que começou sua caminhada olímpica em 1992 merece uma especial atenção, destacando-se as campanhas vitoriosas de 1996 e 2000 quando obtivemos honrosas medalhas de prata e bronze, respectivamente.

Assim como no livro “O basquetebol masculino nos Jogos Olímpicos: história e a participação do Brasil” este livro, baseado no meu arquivo pessoal e na consulta a várias obras pertinentes ao assunto, procura registrar resultados, as equipes, as atletas, técnicos e árbitros que brilharam ao longo desses 40 anos de participação.

Espero que os apreciadores do basquetebol e da história do esporte possam ter momentos de satisfação ao ler este livro, feito com o amor de quem vive o basquetebol desde sempre.

Dante De Rose Junior



Prefácio

Prefácio

Querido Dante

Fiquei honrada e feliz pelo convite para escrever o prefácio do livro “ O Basquetebol Feminino nos Jogos Olímpicos “, por representar todas as atletas olímpicas do nosso país e pela admiração que tenho por você e pelo profissional competente e dedicado que você é.

Vale lembrar que o basquetebol é disputado nos Jogos Olímpicos modernos desde a edição de Berlim, em 1936, mesmo tendo aparecido pela primeira vez em St. Louis, em 1904, como esporte de exibição. Já o torneio feminino estreou apenas em Montreal, em 1976. Nosso basquete feminino brasileiro participou de um jogo exibição em 1965 contra a Tchecoslováquia, em um teste para avaliar a possibilidade de sua entrada nos Jogos. Mesmo assim, foram mais onze anos até que isso fosse concretizado.

Apesar de o naípe feminino estar presente nos Jogos desde então, o time brasileiro teve sua estreia apenas em 1992, em Barcelona. Tivemos uma trajetória desgastante até conseguir participar da competição, pois foram várias tentativas onde nosso sonho ficava sempre pelo meio do caminho. O sistema de classificação era muito difícil e além disso enfrentávamos a falta de recursos e uma modalidade com pouca estrutura: poucas equipes participando dos campeonatos internos, um número reduzido de jogadoras atuando no país e a distância física entre o Brasil e as grandes potências, dificultando o intercâmbio internacional.

Este tabu da não classificação durou praticamente quatro ciclos olímpicos, pois a nossa geração iniciou seu trabalho de renovação em 1976, justamente no ano em que o basquete feminino iniciou sua participação nos Jogos. Muitas dúvidas pairavam sobre nossas cabeças: realmente seríamos capazes de participar do sonho de todo atleta? Conseguiríamos participar da festa e conquistar uma medalha olímpica?

Depois de quatro tentativas em Pré-Olímpicos, que eram realizados a cada quatro anos, sentimos que as chances de participar dos Jogos pareciam ser reais durante o Pré Olímpico de Vigo, na Espanha, já em 1992. Além da difícil competição, para termos chances de pensar em uma classificação para Barcelona, dependíamos de uma vitória da Tchecoslováquia, que já estava classificada, diante da Austrália, que havíamos derrotado na segunda prorrogação. E não é que a Tchecoslováquia venceu a Austrália e o Brasil conseguiu pela primeira vez a chance de disputar os Jogos Olímpicos, em Barcelona?

A nossa campanha em Barcelona foi na verdade um grande aprendizado para

a conquista, quatro anos depois, da medalha de prata em Atlanta, já em 1996, já que nossa estreia em Jogos Olímpicos foi decepcionante: entre oito equipes, voltamos para casa com um desastroso sétimo lugar.

Não basta apenas estar nos Jogos Olímpicos. A mente e o coração precisam estar completamente focados nesta oportunidade única que é estar em uma competição tão glamorosa. E em uma Vila Olímpica existem muitas seduções, não só do convívio com tantos atletas renomados, mas da própria estrutura da Vila, que é considerada uma Disneylândia do esporte. Não se pode esquecer de que o grande objetivo é a busca pela medalha e a disciplina é um grande aliado para o sucesso. Como em toda decepção podemos gerar uma nova motivação, foi o momento de o basquete feminino, após aquele desastre na Espanha, rever seu planejamento e pensar de que maneira poderíamos pensar em estar nos Jogos e ter uma participação digna do que a nossa geração almejava.

Foram necessárias mudanças. Chegamos à conclusão que um dos grandes segredos estava em fortalecer os clubes, os verdadeiros responsáveis pela existência do basquete feminino no país. Somente a união de forças e a mudança de mentalidade poderiam nos fortalecer para enfrentar não só os Jogos de dali a quatro anos, mas proporcionar uma boa participação no Mundial de 1994.

Os amantes do basquete feminino entenderam a necessidade de uma padronização de treinamento da parte física nos clubes para que todas as atletas convocadas pudessem chegar em um nível adequado para iniciar a preparação visando o Mundial e os Jogos. Além da troca da comissão técnica, fizemos uma preparação que incluiu quatro meses de concentração, o que sempre afeta os campeonatos internos, tirando as atletas dos clubes por um longo período.

A belíssima campanha no Mundial de 1994 na Austrália, com a conquista da medalha de ouro, nos brindou com a possibilidade de já estarmos classificados para Atlanta 1996. Afinal, não teríamos que passar pelo nosso grande bicho papão, o Pré-Olímpico.

A ex-tenista Martina Navratilova disse certa vez que “O importante é competir para quem jamais venceu”. E nós queríamos sim uma medalha olímpica. O título do Mundial nos deu moral para acreditar na possibilidade de buscar uma medalha e nos mostrou o quanto é gostoso vencer neste mundo tão competitivo que é o esporte de alto rendimento. Foi uma campanha impecável do time durante toda a competição, o que nos deu o grande privilégio de participar de uma final olímpica contra as anfitriãs e favoritas, as norte-americanas.

A medalha de prata foi o reflexo do nosso empenho e dedicação durante todos aqueles anos anteriores. E não parou por aí pois, quatro anos depois, a base das

jogadoras que conquistaram a medalha de prata conseguiu manter o basquete feminino no pódio em Sidney, em 2000, conquistando uma medalha de bronze e mostrando o quanto aquela geração foi eficiente, deixando um legado para uma modalidade que ainda sofre por atenção e uma gestão profissional.

Que venham novos tempos para este esporte tão apaixonante. Que novas gerações também possam alcançar um sonho que muitas vezes nos pareceu impossível, mas que com trabalho, espírito de equipe e um só desejo nos levou a tão merecidas conquistas. Conquistas da família do basquete feminino do Brasil, formada por atletas, comissões técnicas, gestores e por amantes e estudiosos acadêmicos da nossa modalidade como você, Dante de Rose Junior, que resgata e registra essa história. Que no futuro você precise atualizar este livro para incluir as próximas medalhistas que esperamos que surjam no Brasil.

Abraços,

Magic Paula



Abreviaturas

Abreviaturas

Abreviaturas dos países que serão utilizadas nas tabelas de jogos.

Angola	Ang	Hungria	Hun
Austrália	Aus	Itália	Ita
Belarrus	Blr	Iugoslávia	Iug
Brasil	Bra	Japão	Jap
Bulgária	Bul	Letônia	Let
Canadá	Can	Mali	Mal
China	Chn	Nigéria	Nig
Com.Estados Independentes	CEI	Nova Zelândia	Nzl
Congo	Cng	Polônia	Pol
Coreia do Sul	Cor	Rep. Tcheca	Rtc
Croácia	Cro	Rússia	Rus
Cuba	Cub	Senegal	Sng
Eslováquia	Esl	Sérvia	Srv
Espanha	Esp	Tchecoslováquia	Tch
Estados Unidos	Eua	Turquia	Tur
França	Fra	Ucrânia	Ucr
Grã-Bretanha	Gbr	União Soviética	Ussr
Grécia	Gre		

*União Soviética foi a denominação até 1988. Em 1992 o país se apresentou sob a bandeira da Comunidade dos Estados Independentes para então passar a ser denominado como Rússia.

** A Sérvia passou a se apresentar como tal a partir dos JO de 2004. Até então o país era a Iugoslávia.



40 anos de História

40 anos de História

De Montreal ao Rio de Janeiro

Em 1893, dois anos após o aparecimento do basquetebol masculino, as meninas do Springfield College (Massachusetts – Estados Unidos da América) também começaram a se encantar com o novo jogo criado por James Naismith. Esse basquetebol se espalhou pelo mundo e, em 1953, era realizado o primeiro campeonato mundial em Santiago do Chile. Dez equipes participaram do evento, que foi crescendo tanto em interesse quanto no número de praticantes.

Mas diferentemente do basquetebol masculino que teve como primeira competição internacional os Jogos Olímpicos em 1936, o feminino, por motivos não explicados, não fazia parte do programa olímpico.

Isto somente aconteceu em 1976, exatos quarenta anos depois da inclusão do basquetebol masculino como esporte olímpico. Naquela ocasião o mundo do basquetebol feminino era dominado pelos países da cortina de ferro, tendo a União Soviética como destaque e Bulgária, Tchecoslováquia e Hungria como seus coadjuvantes.

As Américas eram representadas pelos Estados Unidos que, durante os anos 1950, dominavam as competições femininas e por países ainda em evolução como o Brasil.

Ao final dos anos 1950 a União Soviética começava a tomar conta do cenário e até a inclusão do basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos, era detentora de cinco campeonatos mundiais e nove campeonatos europeus consecutivos e de forma invicta, com uma série impressionante de 105 vitórias e nenhuma derrota.

Em 1976, o quadro não se alterou e a União Soviética deixou sua marca vencedora, repetindo-a em 1980 quando os Estados Unidos não participaram devido ao boicote aos Jogos Olímpicos.

A série de campeonatos das soviéticas só foi quebrada porque, também em virtude de um boicote, a União Soviética não participou dos Jogos Olímpicos de 1984.

A partir de 1988 outras forças mundiais surgiram no basquetebol feminino, unindo-se às americanas e soviéticas que começaram a passar por um momento de reconstrução do seu basquetebol devido a divisão da República Soviética, o que na verdade somente consolidou seu potencial competitivo agora representada pela Rússia.

Países como a Austrália, Brasil, Cuba, Canadá, Iugoslávia, República Tcheca, França, Espanha, China, Japão e Coreia do Sul começaram a surgir neste cenário sem, no entanto, ameaçar a hegemonia dos Estados Unidos que, em suas dez participações sempre subiram ao pódio obtendo oito medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze, sendo que a partir de 1996 não perderam mais uma partida sequer.

Mais recentemente, além desses países já citados, novas forças apareceram para engrandecer a competição olímpica como Belarus, Turquia e Sérvia pelo lado europeu e mais discretamente Senegal, Mali e Angola como representantes do continente africano.

E assim, segue o basquetebol feminino. Crescendo como esporte olímpico e mostrando sempre grandes equipes e atletas.

E é um pouco desta rica história que, daqui para frente, será contada neste livro, com números, curiosidades, lembranças de grandes nomes (atletas, árbitros e técnicos).

Países participantes: números e medalhas conquistadas

O país com maior número de participações é os Estados Unidos (10 em 11 edições). As norte-americanas ficaram de fora somente dos Jogos de 1980 em função do boicote aos JO de Moscou.

O quadro 1 mostra a lista completa dos 35 países e suas participações, lembrando que com a divisão de alguns países a participação dos mesmos foi considerada de forma separada. Assim a União Soviética disputou os JO de 1952 a 1988 e a Rússia a partir de 2000. Esse mesmo critério foi adotado em relação a Iugoslávia e Sérvia. A Iugoslávia disputou as edições de 1980, 1984 e 1988 enquantoa Sérvia esteve presente em 2016. A Tchecoslováquia participou em 1976, 1988 e 1992 e a República Tcheca em 2004, 2008 e 2012 e a Eslováquia em 2000.

Quadro 1: participações (#) dos países nos JO

#	Países
10	Estados Unidos
8	Austrália e China
7	Brasil
6	Canadá e Coreia do Sul
5	Rússia
4	Cuba - Espanha – Japão
3	Bulgária - França – Itália – Iugoslávia – Nova Zelândia – Rep.Tcheca – Tchecoslováquia – União Soviética
2	Belarus - Senegal – Turquia
1	Angola – Comunidade dos Estados Independentes - Congo – Croácia Eslováquia – Grã Bretanha – Grécia – Hungria - Letônia – Mali – Nigéria – Polônia – Sérvia – Ucrânia

Os Estados Unidos também são os maiores medalhistas dos JO. As norte-americanas estiveram no pódio em todas as suas participações, obtendo 8 medalhas de ouro, 1 de prata e 1 de bronze. O Brasil subiu ao pódio em 1996 (prata) e em 2000 (bronze).

Os demais medalhistas foram:

• Austrália	5 (3P – 2B)
• União Soviética	4 (3 O – 1B)
• Bulgária	2 (1P – 1B)
• Iugoslávia	2 (1p – 1B)
• China	2 (1p – 2B)
• Rússia	2 (2B)
• Comunidade dos Estados Independentes	1 (1 O)
• Coreia do Sul	1 (1P)
• Espanha	1 (1P)
• França	1 (1P)
• Sérvia	1 (1B)

O quadro 2 mostra todos os países que obtiveram medalhas nos JO

Quadro 2 – países medalhistas

Edição	Ouro	Prata	Bronze
1976	União Soviética	Estados Unidos	Bulgária
1980	União Soviética	Bulgária	Iugoslávia
1984	Estados Unidos	Coreia	China
1988	Estados Unidos	Iugoslávia	União Soviética
1992	C.E.Independentes	China	Estados Unidos
1996	Estados Unidos	Brasil	Austrália
2000	Estados Unidos	Austrália	Brasil
2004	Estados Unidos	Austrália	Rússia
2008	Estados Unidos	Austrália	Rússia
2012	Estados Unidos	França	Austrália
2016	Estados Unidos	Espanha	Sérvia
1988	União Soviética	Iugoslávia	Estados Unidos

Todos os resultados

Nas onze edições do basquetebol feminino nos JO aconteceram 333 partidas média acumulada de 144,2 pontos por jogo (81,0 x 63,2). A melhor média de pontos foi obtida nos JO de Montreal (1976): 158,4 (89,1 x 69,3)

As demais médias foram as seguintes:

- 1980 (Moscou) 156,3 (90,3 x 66,0)
- 1984 (Los Angeles) 127,9 (71,9 x 55,9)
- 1988 (Seoul) 148,2 (80,4 x 67,8)
- 1992 (Barcelona) 151,6 (83,2 x 68,4)
- 1996 (Atlanta) 148,7 (82,8 x 66,0)
- 2000 (Sydney) 132,0 (75,2 x 56,7)
- 2004 (Atenas) 149,1 (83,4 x 65,8)
- 2008 (Beijing) 142,4 (81,4 x 61,0)
- 2012 (Londres) 136,7 (76,9 x 59,8)
- 2016 (Rio de Janeiro) 146,3 (82,2 x 64,1)

Os Estados Unidos é o país com maior número de jogos (69) e com o maior número de vitórias (66). No quadro 3 podemos observar o número de jogo, vitórias, derrotas e % de aproveitamento de cada país nos JO. Os países foram ordenados pelo número de jogos.

Quadro 3: total de jogos (T), Vitórias (V), Derrotas (D), Percentual de Aproveitamento (%) de todos os países que participaram dos JO* . .

País	T	V	D	%
Cor	38	15	23	39,5
Can	36	10	26	27,8
Esp	26	16	10	61,5
Jpn	25	9	16	36,0
Cub	24	9	15	37,5
Fra	23	16	7	69,6
Rtc ***	19	8	11	42,1
Nzl	18	4	14	22,2
Ita	18	3	15	16,7
Urss**	16	14	2	87,5
Bul	16	10	6	62,5
Iug *	16	8	8	50,0
Tch***	15	3	12	20,0
Tur	12	7	5	58,3
Blr	11	3	8	27,3

País	T	V	D	%
Sng	11	0	11	0,0
Srv*	8	4	4	50,0
Ucr**	8	4	4	50,0
Esl***	7	3	4	42,9
Gre	7	3	4	42,9
Pol	7	3	4	42,9
Com	7	0	7	0,0
Hung	6	2	4	33,3
Nig	6	1	5	16,7
Cei	5	4	1	80,0
Cro*	5	1	4	20,0
Let**	5	1	4	20,0
Ang	5	0	5	0,0
Gbr	5	0	5	0,0
Mali	5	0	5	0,0

*A Iugoslávia participou dos JO de 1980 a 1988. Com a divisão do país Croácia em 2012 e Sérvia em 2016 passaram a integrar os JO

** A União Soviética participou de 1976 a 1988. Com a divisão da URSS surgiram novos países como Letônia, Rússia e Ucrânia. Em 1992 a Urss participou sob a bandeira da Comunidade dos Estados Independentes

*** A Tchecoslováquia participou como tal até 1992. A partir de 1996 surgiram a República Tcheca e a Eslováquia.



O ano de 1976 marcou a entrada do basquetebol feminino no programa olímpico. Exatos 40 anos após a entrada do masculino, as meninas tiveram a oportunidade de mostrar suas qualidades, em uma época que o basquetebol feminino era dominado por países da antiga “cortina de ferro”, especialmente a União Soviética que detinha a hegemonia do basquetebol internacional, penta-campeã mundial (1959, 1964, 1967, 1971 e 1975) e ênea campeã europeia (de 1960 a 1976) com a impressionante marca de 105 vitórias em 105 jogos.

As seis vagas para a participação nos JO de 1976 foram assim definidas: Campeã mundial (União Soviética), país sede (Canadá), Estados Unidos e Bulgária (pré-olímpico mundial), Tchecoslováquia (campeã europeia) e Japão (vice-campeão mundial).

Jpn	84	X	71	Eua
Urss	115	X	51	Can
Bul	67	X	66	Tch
Jpn	121	X	89	Can
Eua	95	X	79	Bul
Urss	88	X	75	Tch
Urss	91	X	68	Bul
Tch	76	X	62	Jpn
Eua	89	X	75	Can
Urss	112	X	77	Eua
Tch	67	X	59	Can
Bul	66	X	63	Jpn
Bul	85	X	62	Can
Eua	83	X	67	Tch
Urss	98	X	75	Jpn

Total de jogos: 15

Média de pts: 158,4 (89,1 x 69,3)

Cestinha: Keiko Namai (Jpn) – 20,4

Classificação final (vitórias-derrotas)



União Soviética (5-0)



Estados Unidos (3-2)

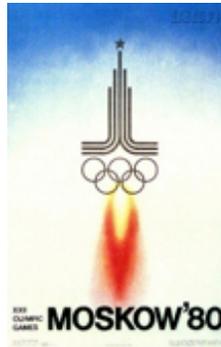


Bulgária (3-2)

4º Tchecoslováquia (2-3)

5º Japão (2-3)

6º Canadá (0-5)



Em 1980, o boicote dos países alinhados aos Estados Unidos tirou da competição forças como as próprias americanas (campeãs mundiais em 1979) e o Canadá. As soviéticas continuavam soberanas no basquetebol mundial, agregando, além do título olímpico invicto de 1976 mais um título europeu. O bloco quase que exclusivamente soviético dominou o cenário olímpico em 1980 com destaque para a própria União Soviética que conquistaria o bi-campeonato invicta (5-0), Bulgária, Hungria e seu aliado Cuba.

Com a saída dos países que aderiram ao boicote as seis vagas foram assim distribuídas: União Soviética (campeã olímpica e país sede) e os cinco países melhores classificados no torneio pré-olímpico: Bulgária, Cuba, Iugoslávia, Itália e Hungria.

Bul	102	X	65	Ita
Urss	97	X	62	Iug
Hun	76	X	66	Cub
Iug	85	X	81	Cub
Rus	122	X	83	Bul
Hun	83	X	70	Ita
Iug	61	X	48	Hun
Bul	84	X	64	Cub
Urss	119	X	53	Ita
Iug	69	X	57	Ita
Urss	95	X	56	Cub
Bul	90	X	75	Hun
Cub	79	X	63	Ita
Bul	81	X	79	Iug
Rus	120	X	62	Hun
Iug	68	X	65	Hun
Urss	104	X	73	Bul

Total de jogos: 17

Média de pontos: 156,3 (89,1 x 66,0)

Cestinha: Uliana Semenova (Urss) – 21,8 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Bulgária (4-2)



Iugoslávia (4-2)

4º Hungria (2-4)

5º Cuba (1-4)

6º Itália (0-5)



O boicote da União Soviética em resposta ao boicote de 1980, tirou da competição as forças da chamada cortina de ferro (União Soviética – campeã mundial de 1983 - Bulgária, Tchecoslováquia, Hungria, Cuba). Isto deu aos Estados Unidos a grande chance de quebrar a hegemonia soviética, o que de fato aconteceu. Também foi a chance do surgimento das forças asiáticas representadas por Coreia do Sul e China e do surgimento da Austrália que se tornaria, no futuro, uma das principais atrações dos JO. Com a desistência da Hungria, que havia se classificado no pré-olímpico mundial, além das equipes já citadas também se classificaram Canadá e Iugoslávia.

Eua	83	X	55	Iug
Aus	67	X	64	Chn
Cor	67	X	62	Can
Eua	81	X	47	Aus
Cor	55	X	52	Iug
Can	66	X	61	Chn
Eua	84	X	47	Cor
Chn	79	X	58	Iug
Cor	54	X	48	Aus
Iug	69	X	68	Can
Eua	91	X	55	Chn
Cor	69	X	56	Chn
Eua	92	X	61	Can
Aus	62	X	59	Iug
Can	56	X	46	Aus
Chn	63	X	57	Can
Eua	85	X	55	Cor

Total de jogos: 17

Média e pontos: 127,9 (71,9 x 55,8)

Cestinha: Kim Soon (Cor) – 16,8 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (6-0)



Coreia do Sul (4-2)



China (3-3)

4º Canadá (2-4)

5º Austrália (1-4)

6º Iugoslávia (1-4)



Em 1988, a União Soviética voltava ao cenário Olímpico como vice-campeã mundial e classificada no pré-olímpico mundial, juntamente com o país então campeão – Estados Unidos e Coreia do Sul (país sede). Com o aumento de seis para oito vagas também se classificaram a Austrália, Bulgária, China, Tchechoslováquia e Iugoslávia.

O tão esperado encontro entre americanas e soviéticas aconteceu na semifinal, ficando a final entre Estados Unidos e Iugoslávia com vitória das americanas, dando-lhes o bi-campeonato olímpico, título que perderiam em 1992, mas voltariam a ganhar em todos os demais torneios olímpicos

Urss	91	X	62	Bul
Cor	91	X	55	Aus
Urss	69	X	66	Cor
Aus	63	X	57	Bul
Bul	98	X	87	Cor
Aus	60	X	48	Urss
Eua	87	X	81	Tch
Iug	56	X	53	Chn
Eua	101	X	74	Iug
Chn	68	X	64	Tch
Iug	69	X	57	Tch
Eua	94	X	79	Chn
Iug	57	X	56	Aus
Eua	102	X	88	Urss
Bul	81	X	78	Tch
Chn	97	X	95	Cor
Cor	77	X	59	Tch
Bul	102	X	74	Chn
Urss	68	X	53	Aus
Eua	77	X	70	Iug

Total de jogos: 20

Média de pontos: 148,2 (80,4 x 67,8)

Cestinha: Elena Slavtcheva (Bul) – 19,6

Classificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (5-0)



Iugoslávia (3-2)



União Soviética (3-2)

4º Austrália (2-3)

5º Bulgária (3-2)

6º China (2-3)

7º Coreia do Sul (2-3)

8º Tchecoslováquia (0-5)



Em Barcelona, o cenário mundial mostrava uma mudança radical com o fim da “cortina de ferro”. A União Soviética não existia mais e enquanto se discutia a formação dos novos países, as atletas da antiga república soviética participaram sob a bandeira da Comunidade dos Estados Independentes (CeI).

Estados Unidos e Espanha asseguraram sua participação como o atual campeão e o país sede. Os demais países foram selecionados a partir de um pré-olímpico mundial que classificou: China, Cuba, CeI, Brasil, Tchecoslováquia e Itália.

Cub	91	X	88	CeI
Bra	85	X	70	Ita
Cub	95	X	88	Bra
CeI	79	X	67	Ita
CeI	76	X	64	Bra
Cub	60	X	53	Ita
Eua	111	X	55	Tch
Chn	66	X	63	Esp
Eua	93	X	67	Chn
Esp	59	X	58	Tch
Chn	72	X	70	Tch
Eua	114	X	59	Esp
Tch	74	X	62	Bra
Esp	92	X	80	Ita
CeI	79	X	73	Eua
Chn	109	X	70	Cub
Bra	86	X	83	Ita
Esp	59	X	58	Tch
Eua	88	X	74	Cub
CeI	76	X	66	Chn

Total de jogos: 20

Média de pontos: 151,6 (83,2 x 68,4)

Cestinha: Hortênciã Marcarí (Bra) – 18,8 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Comunidade dos Estados Independentes (4-1)



China (3-2)



Estados Unidos (4-1)

4º Cuba (3-2)

5º Espanha (3-2)

6º Tchecoslováquia (1-4)

7º Brasil (2-3)

8º Itália (0-5)



Na edição comemorativa ao centenário dos Jogos Olímpicos, pela primeira vez, doze países participariam do basquetebol feminino. Este fato colocaria o feminino em pé de igualdade ao masculino em número de participantes.

Os Estados Unidos na condição de campeão olímpico e país sede tinha sua vaga garantida. E também pela primeira vez as vagas seriam destinadas aos países classificados em seus torneios continentais: Austrália (Oceania), Congo (África), Japão e Coreia do Sul (Àsia), Ucrânia, Rússia e Itália (Europa), Cuba e Canadá (Américas), além de Brasil e China (campeão e vice mundial, respectivamente). E novamente o domínio norte-americano foi flagrante com a obtenção do terceiro ouro de forma invicta, destacando-se também o Brasil que em sua segunda participação já obteria a medalha de prata.

A partir de 1996 os olhos também passariam a ser voltados para uma geração de atletas que brilharia nos futuros JO. Refiro-me à Austrália que se juntaria aos Estados Unidos, Rússia, Brasil, França e Espanha países que seriam destaque nas principais competições internacionais.

Ita	62	X	53	Chn		Cor	72	X	67	Ucr
Rus	73	X	63	Jpn		Eua	96	X	79	Aus
Bra	69	X	56	Can		Ucr	87	X	75	Cub
Jpn	75	X	72	Chn		Cor	95	X	71	Cng
Ita	59	X	54	Can		Ukr	54	X	48	Aus
Bra	82	X	68	Rus		Eua	105	X	64	Cor
Chn	61	X	49	Can		Cub	73	X	59	Cng
Bra	100	X	80	Jpn		Chn	91	X	67	Cng
Rus	75	X	70	Ita		Cor	88	X	79	Can
Bra	98	X	83	Chn		Cub	78	X	70	Ita
Rus	68	X	49	Can		Rus	80	X	69	Jpn
Ita	66	X	52	Jpn		Bra	101	X	69	Cub
Rus	94	X	78	Chn		Eua	108	X	93	Jap
Bra	75	X	73	Ita		Aus	74	X	70	Rus
Jpn	95	X	85	Can		Ucr	59	X	50	Ita
Aus	76	X	61	Cor		Bra	81	X	60	Ucr
Ucr	81	X	65	Cng		Eua	93	X	71	Aus
Eua	101	X	84	Cub		Can	88	X	46	Cng
Aus	91	X	45	Com		Chn	85	X	71	Cor
Cub	70	X	55	Cor		Jap	81	X	69	Ita
Eua	98	X	65	Ucr		Rus	91	X	74	Cub
Aus	75	X	63	Cub		Aus	66	X	56	Ucr
Eua	107	X	47	Cng		Eua	111	X	87	Bra

Jogos realizados: 46

Média de pontos: 148,7 (82,8 x 66,0)

Cestinha: Yamile Martinez Calderón (Cub) – 20,5 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (8-0)



Brasil (7-1)



Austrália (5-3)

4° Ucrânia (4-4)

5° Rússia (6-2)

6° Cuba (3-5)

7° Japão (3-5)

8° Itália (3-5)

9° China (3-4)

10° Coreia do Sul (3-4)

11° Canadá (1-6)

12° Congo (0-7)



Os JO de 2000 confirmaram os Estados Unidos como potência do basquetebol feminino mundial, consolidaram da Austrália como a nova força desse mesmo basquetebol e o Brasil subindo novamente ao pódio em sua terceira participação, desta vez com uma medalha de bronze. A Rússia lutava pela volta ao topo, mas novamente decepcionava obtendo somente um sexto lugar, uma posição abaixo da obtida em 1996.

Novos países estreavam como Nova Zelândia, Eslováquia (decorrente da divisão da antiga Tchecoslováquia), Polônia e Senegal e se juntavam a velhos frequentadores dos JO como Coreia do Sul, Cuba e Canadá.

Além da medalha de bronze, o Brasil não contaria com suas principais estelas, Paula e Hortência mas teria a ala Janeth como a cestinha do torneio.

Bra	76	X	60	Esl		Cub	74	X	55	Nzl
Fra	75	X	39	Sng		Eua	88	X	77	Rus
Aus	78	X	46	Can		Pol	77	X	62	Cor
Can	62	X	41	Sng		Cor	75	X	73	Rus
Fra	58	X	51	Esl		Eua	93	X	42	Nzl
Aus	81	X	70	Bra		Pol	72	X	65	Cub
Fra	70	X	58	Can		Rus	92	X	54	Nzl
Bra	82	X	48	Sng		Cor	69	X	56	Cub
Aus	70	X	47	Esl		Eua	76	X	57	Pol
Esl	68	X	56	Can		Nzl	72	X	69	Sng
Fra	73	X	70	Bra		Cub	67	X	58	Can
Aus	96	X	39	Sng		Aus	76	X	48	Pol
Esl	68	X	32	Sng		Bra	68	X	67	Rus
Aus	69	X	62	Fra		Cor	68	X	59	Fra
Can	61	X	60	Bra		Eua	58	X	43	Esl
Pol	75	X	52	Nzl		Esl	64	X	57	Pol

Rus	72	X	62	Cub		Fra	71	X	59	Rus
Eua	89	X	75	Cor		Aus	64	X	52	Bra
Rus	84	X	46	Pol		Eua	78	X	65	Cor
Cor	101	X	62	Nzl		Bra	84	X	73	Cor
Eua	90	X	61	Cub		Eua	76	X	54	Aus

Jogos realizados: 42

Média de pontos: 132,0 (75,2 x 56,7)

Cestinha: Janeth Arcain (Bra) – 20,5 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (8-0)



Austrália (7-1)



Brasil (4-4)

4º Coreia do Sul (4-4)

5º França (5-2)

6º Rússia (3-4)

7º Eslováquia (3-4)

8º Polônia (3-4)

9º Cuba (2-4)

10º Canadá (2-4)

11º Nova Zelândia (1-5)

12º Senegal (0-7)



Em Atenas, o cenário do basquetebol feminino não mudaria muito. Estados Unidos e Austrália confirmavam suas posições e a Rússia finalmente voltava ao pódio depois de longa espera. O Brasil ainda se manteria entre as maiores potências do basquetebol mundial, obtendo um quarto lugar.

Grécia e Nigéria estreavam em JO e a República Tcheca voltaria à cena depois da divisão da antiga Tchecoslováquia. Completariam o quadro: Japão, China, Coreia do Sul, Espanha e Nova Zelândia.

A australiana Lauren Jackson, considerada a melhor atleta da competição e cestinha da mesma, firmava-se como uma das maiores estrelas do basquetebol mundial.

Aus	85	X	73	Nig	Eua	71	X	58	Esp
Bra	128	X	62	Jpn	Tch	97	X	75	Cor
Rus	69	X	62	Gre	Rus	93	X	58	Nig
Chn	71	X	54	Cor	Aus	84	X	66	Bra
Eua	99	X	47	Nzl	Gre	93	X	91	Jpn
Esp	80	X	78	Tch	Tch	74	X	57	Nzl
Jpn	79	X	73	Nig	Eua	100	X	62	Chn
Bra	87	X	75	Gre	Esp	64	X	61	Cor
Aus	75	X	56	Rus	Nig	68	X	64	Cor
Nzl	81	X	73	Cor	Chn	82	X	63	Jpn
Eua	80	X	61	Tch	Eua	102	X	72	Gre
Esp	75	X	67	Chn	Rus	70	X	49	Tch
Aus	97	X	78	Jpn	Bra	67	X	63	Esp
Gre	83	X	68	Nig	Aus	94	X	55	Nzl
Tch	98	X	83	Chn	Gre	87	X	83	Nzl
Eua	80	X	57	Cor	Tch	79	X	68	Esp
Esp	91	X	57	Nzl	Eua	66	X	62	Rus
Rus	94	X	71	Jpn	Aus	88	X	75	Bra
Aus	71	X	40	Gre	Rus	88	X	75	Bra
Bra	82	X	63	Nig	Eua	74	X	63	Aus
Nzl	79	X	77	Chn					

Jogos realizados: 42

Média de pontos: 149,1 (83,4 x 65,8)

Cestinha: Laureen Jackson (Aus) – 22,9 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (8-0)



Austrália (7-1)



Rússia (6-2)

4º Brasil (4-4)

5º Rep. Tcheca (4-3)

6º Espanha (4-3)

7º Grécia (3-4)

8º Nova Zelândia (2-5)

9º China (2-4)

10º Japão (1-5)

11º Nigéria (1-5)

12º Coreia do Sul (0-7)



Em Beijing o pódio de 2004 foi mantido com Estados Unidos, Austrália e Rússia, respectivamente. A Ásia mais uma vez seria representada por Coreia do Sul e China. Do lado europeu juntamente com Espanha e República Tcheca, apareceriam pela primeira vez a Letônia e Belarus (uma das repúblicas da antiga União Soviética). Pela África a campeã continental Mali. E a Oceania seria representada pela Nova Zelândia.

O Brasil que vinha de excelentes participações em 1996, 2000 e 2004 teve uma participação apagada, obtendo somente o 11º lugar, depois de não avançar para a segunda fase da competição.

Rus	62	X	57	Let	Aus	96	X	73	Let
Cor	68	X	62	Bra	Blr	63	X	53	Cor
Aus	83	X	64	Bie	Eua	93	X	55	Esp
Rus	77	X	72	Cor	Chn	69	X	48	Mal
Blr	79	X	57	Let	Rus	74	X	64	Bra
Aus	80	X	65	Bra	Esp	79	X	47	Mal
Eua	97	X	57	Rtc	Aus	75	X	55	Rus
Nzl	76	X	72	Mal	Cor	72	X	68	Let
Chn	67	X	64	Esp	Eua	96	X	60	Nzl
Esp	85	X	62	Nzl	Chn	79	X	63	Rtc
Rtc	81	X	74	Mal	Bra	68	X	53	Blr
Eua	108	X	63	Chn	Chn	77	X	62	Blr
Rus	71	X	65	Blr	Aus	79	X	46	Rtc
Let	79	X	78	Bra	Eua	104	X	60	Cor
Aus	90	X	62	Cor	Rus	84	X	65	Esp
Esp	74	X	55	Rtc	Eua	67	X	52	Rus
Chn	80	X	63	Nzl	Aus	90	X	56	Chn
Eua	97	X	41	Mal	Rus	94	X	81	Chn
Rtc	90	X	59	Nzl	Eua	92	X	65	Aus

Jogos realizados: 38

Média de pontos: 142,2 (81,4 x 61,0)

Cestinha: Ligie Miao (Chn) – 17,9

Claassificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (8-0)



Austrália (7-1)



Rússia (6-2)

4° China (5-3)

5° Espanha (3-3)

6° Belarus (2-4)

7° Rep. Tcheca (2-4)

8° Coreia do Sul (2-4)

9° Letônia (1-4)

10° Nova Zelândia (1-4)

11° Brasil (1-4)

12° Mali (0-5)



Em Londres, os Estados Unidos continuaram mostrando quem mandava no basquetebol feminino mundial. A França, depois de uma ausência de oito anos, surpreendia com o vice-campeonato e a Austrália se mantinha no topo, conquistando pela quinta vez consecutiva uma medalha.

Com as mudanças nos critérios para participação nos Jogos Olímpicos, somente o campeão de cada continente teria a vaga assegurada e as demais vagas, além do país sede, seriam disputadas em um torneio pré-olímpico mundial. Isto fez com que a Ásia fosse representada por Coreia do Sul e China. As Américas tiveram como representantes Estados Unidos (campeão mundial), Brasil e Canadá. Já a África teve a estreante Angola como sua representante.

Com esse novo critério, a Europa foi bastante beneficiada pois, além das voltas de França, Rússia, Rep.Tcheca e Grã-Bretanha (país sede) teve a estreia da Croácia e Turquia, totalizando seis países na competição.

O Brasil, novamente, teve uma participação decepcionante, não passando para a fase seguinte e obtendo o 9º lugar com somente uma vitória e com o consolo de ter a cestinha da competição, a pivô Érica Souza.

Chn	66	X	57	Rtc	Aus	70	X	66	Rus
Rus	58	X	53	Can	Can	79	X	73	Bra
Tur	72	X	50	Ang	Tur	82	X	55	Chn
Eua	81	X	56	Cro	Fra	80	X	77	Gbr
Fra	73	X	58	Bra	Eua	88	X	61	Rtc
Aus	74	X	58	Gbr	Fra	65	X	54	Rus
Tur	61	X	57	Rtc	Rtc	82	X	47	Ang
Fra	76	X	60	Aus	Aus	72	X	63	Can
Rus	69	X	59	Bra	Eua	114	X	66	Chn
Chn	83	X	58	Cro	Tur	70	X	65	Cro
Can	73	X	65	Gbr	Bra	78	X	66	Gbr
Eua	90	X	30	Ang	Eua	91	X	48	Can
Fra	64	X	60	Can	Aus	75	X	60	Chn
Chn	76	X	52	Ang	Rus	66	X	63	Tur
Aus	67	X	61	Bra	Fra	71	X	68	Rtc
Rus	67	X	61	Gbr	Eua	86	X	73	Aus
Rtc	89	X	70	Cro	Fra	81	X	64	Rus
Eua	89	X	58	Tur	Aus	83	X	74	Rus
Cro	75	X	56	Ang	Eua	86	X	50	Fra

Jogos realizados: 38

Média de pontos: 136,7 (76,9 x 59,8)

Cestinha: Erika Souza (Bra) e Jo Leedham (Gbr) – 16,2 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (8-0)



Austrália (7-1)



Austrália (6-2)

4º Rússia (4-4)

5º Turquia (4-2)

6º China (3-3)

7º Rep. Tcheca (2-4)

8º Canadá (2-4)

9º Brasil (1-4)

10º Croácia (1-4)

11º Grã-Bretanha (0-5)

12º Angola (0-5)



A competição do basquetebol feminino no Rio de Janeiro nos trouxe várias surpresas, apesar de mais uma vez os Estados Unidos manterem seu domínio.

As surpresas ficaram por conta da Espanha e da estreante Sérvia que superaram adversárias tradicionalmente fortes como França, Canadá e Austrália. A China, assim como o Brasil foi uma total decepção. Os dois países, antigos medalhistas olímpicos se apresentaram com campanhas abaixo da crítica. O Brasil não obteve nenhuma vitória em seus cinco jogos ficando com o 11º lugar apenas à frente de Senegal.

A Ásia ainda teria como representante o Japão e a África traria novamente o Senegal depois de uma ausência de 12 anos.

Belarus e Turquia completariam o quadro europeu.

Fra	55	X	39	Tur	Fra	74	X	64	Bra
Can	90	X	68	Chn	Aus	92	X	86	Jpn
Aus	84	X	66	Bra	Srv	80	X	72	Chn
Jpn	77	X	73	Blr	Eua	81	X	5	Can
Eua	121	X	56	Sng	Esp	97	X	43	Sng
Esp	65	X	59	Srv	Aus	74	X	66	Blr
Aus	61	X	56	Tur	Tur	79	X	76	Bra
Fra	73	X	72	Blr	Jpn	79	X	71	Fra
Eua	103	X	63	Esp	Eua	105	X	62	Chn
Can	71	X	67	Srv	Srv	95	X	88	Sng
Jpn	82	X	66	Bra	Esp	73	X	60	Can
Chn	101	X	64	Sng	Srv	73	X	71	Aus
Aus	89	X	71	Fra	Esp	64	X	62	Tur
Blr	65	X	63	Bra	Eua	110	X	64	Jpn
Tur	76	X	62	Jpn	Fra	68	X	63	Can
Esp	89	X	68	Chn	Esp	68	X	54	Srv
Eua	110	X	84	Srv	Eua	86	X	67	Fra
Can	68	X	58	Sng	Srv	70	X	63	Fra
Tur	74	X	71	Blr	Eua	101	X	72	Esp

Jogos realizados: 38

Média de pontos: 146,3 (82,2 x 64,1)

Cestinha: Liz Cambage (Aus) – 23,5 pts

Classificação final (vitórias-derrotas)



Estados Unidos (8-0)



Espanha (6-2)



Sérvia (4-4)

4º França (4-4)

5º Austrália (5-1)

6º Turquia (3-3)

7º Canadá (3-3)

8º Japão (3-3)

9º Belarus (1-4)

10º China (1-4)

11º Brasil (0-5)

12º Senegal (0-5)

As finais olímpicas

As finais olímpicas no feminino começaram a acontecer a partir dos JO de Moscou, em 1980.

Em 1976, não houve final e a União Soviética tornou-se campeã em um torneio de turno completo, com cinco vitórias.

Estados Unidos e Austrália fizeram o maior número de finais (três) todas com vitórias das Norte-Americanas. As americanas estiveram em oito finais, todas com vitória. Só não estiveram em 1976 (não houve final), em 1980 em função do boicote e em 1992 quando a Comunidade dos Estados Independentes enfrentou a China.

Liza Leslie (Estados Unidos) e Laureen Jackson (Austrália) foram cestinhas em duas oportunidades. Leslie em 1996 e 2000 e Jackson em 2000 e 2008. A maior cestinha em uma final foi Liza Leslie (29 pontos) na final de 1996 contra o Brasil.

Todas as finais com as cestinhas de cada equipe são citadas a seguir:

- 1976 – Montreal: não houve final. A União Soviética sagrou-se campeã com 5 vitórias.

- 1980 – Moscou: União Soviética 104 x 73 Bulgária
(a maior diferença em todas as finais – 41 pontos)
Semenova (Urss) – 27 pts; Slavtcheva (Bulgária) – 19 pts

- 1984 – Los Angeles: Estados Unidos 85 x 55 Coreia do Sul
Cheryll Miller (Estados Unidos) – 16 pts; Young (Coreia do Sul) – 20 pts

- 1988 – Seoul: Estados Unidos 77 x 70 Iugoslávia
Tereza Edwards (Estados Unidos) – 18 pts; Nakic (Iugoslávia) – 23 pts

- 1992 – Barcelona: Comunidade dos Estados Independentes 76 x 66 China
Zazulskaya (CEI) 19 pts; Li (China) – 12 pts

- 1996 – Atlanta: Estados Unidos 111 x 87 Brasil
(maior contagem acumulada em uma final)
Liza Leslie (Estados Unidos) – 29 pts; Janeth (Brasil) – 24 pts

- 2000 – Sydney: Estados Unidos 76 x 54 Austrália
Liza Leslie (Estados Unidos) – 15 pts; Laureen Jackson (Austrália) – 20 pts

- 2004 – Atenas: Estados Unidos 74 x 63 Austrália
Tina Thompson (Estados Unidos) – 18 pts; Penny Taylor (Austrália) – 16 pts
- 2008 – Beijing: Estados Unidos 92 x 65 Austrália
Lawson (Estados Unidos) – 15 pts; Laureen Jakson (Austrália) – 20 pts
- 2012 – Londres: Estados Unidos 86 x 50 França
Candace Parker (Estados Unidos) – 21 pts; Lawson Wade (França) – 12 pts
- 2016 – Rio de Janeiro: Estados Unidos 101 x 72 Espanha
Diana Taurasi (Estados Unidos) – 17 pts; Alba Torrens (Espanha) – 18 pts.

As estrelas

Pelo palco dos Jogos Olímpicos desfilaram grandes estrelas do basquetebol mundial. Desta forma é muito difícil citar grandes nomes, sem que se cometam injustiças.

Em função disto, foram escolhidos alguns critérios para trazer à tona a memória das grandes personagens do basquetebol feminino olímpicos. O maior número de participações, maior número de medalhas conquistadas, cestinhas, reboteiras e melhores assistentes, foram definidos para esta finalidade.

É claro que outros critérios poderiam ser utilizados e isto cada leitor poderá escolher de acordo com suas preferências.

Maior número de participações

Tereza Edwards e a brasileira Adrianinha foram as atletas que mais participaram dos JO – 5 edições, seguidas de Lisa Leslie, Sue Bird, Tamika Catchings e Daiana Taurasi (Estados Unidos), Laureen Jackson e Krhisti Harrower (Austrália) e Janeth (Brasil) com 4 participações.

No grupo com 3 participações destacam-se as brasileiras Adriana Santos, Alessandra, Cintia Tuiú, Erika, Helen, Karla e Marta. Neste grupo também aparecem Sheryl Soopes, Dawn Staley, Katie Smith, Seimone Augustus, Sylvia Fowles e Katrina McClain (Estados Unidos) e as australianas Suzy Batkovic, Sandy Brondello, Trisha Fellon, Rachel Sporn, Belinda Snell e Laura Summerton.

Muitas atletas participaram duas vezes dos JO. Seria quase impossível citar todas elas. Portanto aqui vai uma lista de algumas estrelas que não poderiam ser esquecidas: Hortência e Paula (Brasil), Haixia Zheng (China), Ujljana Semanova e Olga Barisheva (União Soviética), Ann Donovan, Cynthia Cooper, Tina Thompson e Candice Parker (Estados Unidos), Michelle Timms (Austrália)

As meninas douradas

O lugar mais alto do pódio é reservado para somente três países: Estados Unidos (8 vezes), União Soviética (2 vezes) e Comunidade dos Estados Independentes (1 vez). Oitenta e seis atletas tiveram a honra de receber a medalha dourada. E delas, 22 puderam duplicar, triplicar e mesmo quadruplicar a dose. E dessas atletas, 19 são norte-americanas e 3 soviéticas.

Tereza Edwards (Estados Unidos) é a recordista em número de medalhas olímpicas. Em suas cinco participações ela obteve quatro medalhas de ouro e uma de bronze. Suas compatriotas Lisa Leslie, Sue Bird, Tamika Catchings e Diana Taurasi também obtiveram quatro medalhas de ouro.

Com três medalhas de ouro estão as norte-americanas Sheryl Swoopes, Dawn Staley, Katie Smith, Simone Augustus e Sylvia Fowles.

As detentoras de duas medalhas de ouro são as norte-americanas Katrina McClain (que também obteve o bronze em 1992), Alice Bolton, Nikki McCray, Yolanda Griffith, Candace Parker, Lindsay Whalen, Maya Moore, Angel Mc Caughtry e Tina Charles e as soviéticas Ulijana Semenova, Angela Rupshene e Olga Sukharnova.

Mas não são somente as “douradas” que merecem reconhecimento.

Laureen Jackson e Kristi Harrower obtiveram quatro medalhas, sendo três de prata e uma de bronze. E outras atletas australianas também merecem destaque por terem conquistado três medalhas olímpicas, duas de prata e uma de bronze: Suzy Batkovic, Sandy Brondello, Trisha Fallon, Rachel Sporn, Belinda Snell e Laura Summerton.

Entre as brasileiras, quatro atletas tiveram a honra de subir por duas vezes ao pódio (prata em 1996 e bronze em 2000); Adriana Santos, Alessandra, Cintia Tuiú e Janeth.

10 maiores cestinhas (com, no mínimo, duas participações)

	Nome	País	Ano	Jogos	Média
1	Ulijana Semenova	União Soviética	76 80	11	20,7
2	Evladya Slavitcheva	Bulgária	80 88	11	19,1
3	Liz Cabbage	Austrália	12 16	14	18,6
4	Janeth Arcain	Brasil	92 96 00 04	29	18,4
5	Laureen Jackson	Austrália	00 04 08 12	32	18,0
6	Haixia Zheng	China	88 96	13	17,9
7	Penka Stoyanova	Bulgária	76 80	10	16,9
8	Lisa Leslie	Estados Unidos	96 00 04	24	16,9

9	Maria Paula Gonçalves	Brasil	92 96	13	16,2
10	Katrina McClain	Estados Unidos	88 96	13	15,9

A maior cestinha em uma única edição dos JO foi Liz Cambage (Austrália), em 2016 – **23,5pts/jogo**

10 maiores reboteiras (com, no mínimo duas participações)

	Nome	País	Ano	Jogos	Média
1	Ulijana Semenova	União Soviética	76 80	10	10,7
1	Clarissa Santos	Brasil	12 16	10	10,7
3	Elena Baranova	Rússia	96 00	16	10,4
4	Alessandra Santos	Brasil	96 00 04	24	8,9
5	Laureen Jackson	Austrália	00 04 08 12	32	8,7
6	Yamile Martinez Calderon	Cuba	92 96	13	8,2
7	Liz Cambage	Austrália	12 16	14	7,9
8	Daiane Norman	Canadá	96 00	13	7,8
9	Yolanda Grifith	Estados Unidos	00 04	16	7,7
10	Érika Souza	Brasil	12 16	10	7,7

A maior reboteira em uma única edição dos JO foi Elena Baranova (Urss), em 1996 – **13,1 reb/jogo**

10 maiores assistentes (com, no mínimo, duas participações)

	Nome	País	Ano	Jogos	Média
	Maria Paula Gonçalves	Brasil	92 96	13	5,2
	Tereza Edwards	Estados Unidos	88 92 96 00	26	4,9
	Joo Soon	Coreia do Sul	96 00	16	4,7
	Lijie Miao	China	08 12	14	4,6
	Eun Soon	Coreia do Sul	96 00	16	4,3
	Adriana Moisés	Brasil	08 12 16	15	4,1
	Kristi Harrower	Austráli	00 04 08 12	24	3,8
	Roby Maher	Austrália	84 88	10	3,2
	Janeth Arcain	Brasil	92 96 00	21	3,2
	Helen Luz	Brasil	00 04	16	2,9

A maior assistente em uma única edição dos JO foi Asumi Yoshida (Japão), em 2016 – 8,7 assists/jogo

Estes três quadros nos trazem uma relação de grandes estrelas que se destacaram por sua importância e pelos números. No entanto, outras atletas que não foram citadas por não atenderem os critérios estabelecidos, não podem, de maneira nenhuma serem esquecidas.

Citarei somente dez, tendo a certeza que muitas outras poderiam estar nesta vasta lista de grandes estrelas do basquetebol mundial:

Hortência Marcarí (Brasil), Michelle Tims (Austrália), Cheryl Miller (Estados Unidos), Bev Smith (Canadá), Amaia Valdemoro (Espanha), Jasmina Peracic (Iugoslávia), Céline Dumerc (França), Becky Hammon (Rússia), Marta Peshova (Tchecoslováquia) e Catarina Pollini (Itália).

Lanço um desafio a todos os leitores para que façam suas listas e completem o quadro de estrelas do basquetebol feminino olímpico.

Grandes técnicos e técnicas

Os técnicos e técnicas também têm um papel de grande destaque nos JO. Afinal são eles que assumem a responsabilidade de preparar as equipes para que possam desempenhar a contento e atingir seus objetivos.

De 1976 a 2016, oitenta e seis técnicos/técnicas atuaram nos JO dirigindo as 35 equipes que participaram em suas diferentes edições.

O recordista em participações é Tom Maher que esteve nos jogos de 1996 e 2000 (dirigindo a Austrália), 2004 (Nova Zelândia), 2008 e 2016 (China) e 2012 (Grã-Bretanha). Foram 41 jogos (20 vitórias e 21 derrotas) e uma medalha de bronze com a Austrália em 1996.

Depois de Maher temos o técnico da seleção brasileira Antonio Carlos Barbosa que dirigiu o Brasil em 2000, 2004 e 2016 com 21 jogos (8 vitórias e 13 derrotas), uma medalha de bronze em Sydney (2000).

Também com três participações temos Vasojevic da Iugoslávia que atuou em 1980, 1984 e 1988, obtendo 8 vitórias e 8 derrotas, uma medalha de prata e uma medalha de bronze.

Bev Smith (Canadá - 2000) e Ann Donovan (Estados Unidos – 2008) também atuaram como atletas, ambas nos JO de 1984.

Lydia Alexeeva (União Soviética) e Geno Auriemma (Estados Unidos) foram os únicos a obter duas medalhas de ouro: Alexeeva em 1976 e 1980 (11 vitórias em 11 jogos) e Auriemma em 2012 e 2016 (16 vitórias em 16 jogos).

Além deles, outros técnicos obtiveram duas medalhas olímpicas:

Jan Stirling (Austrália) – 2 pratas

Galabov (Bulgária) – 1 prata e 1 bronze

Milan Vasojevic (Iugoslávia) – 1 prata e 1 bronze

Tom Maher (Austrália) – 1 prata e 1 bronze

Relação de todos os técnicos/técnicas medalhistas:

Ouro:

2 – Lydia Alexeeva (União Soviética) e Geno Auriemma (Estados Unidos)

1 – Van Chancellor, Ann Donovan, Nel Fortner, Pat Summit, Tara Van Der Veer, Kay Yow (Estados Unidos) e Eremin Gomelski (Comunidade dos Estados Independentes)

Prata:

2 – Jan Stirling (Austrália)

1 – Tom Maher (Austrália), Ivan Galabov (Bulgária), Milan Vasojevic (Iugoslávia), Miguel Ângelo da Luz (Brasil), Lucas Mondelo (Espanha), Billie Moore (Estados Unidos), Pierre Vincent (França), Li (China), Yoo (Coreia do Sul)

Bronze:

1 – Antonio Carlos Barbosa (Brasil), Ivan Galabov (Bulgária), Alexander Gomelski (União Soviética), Tom Maher e Carrie Graf (Austrália), Thereza Grantz (Estados Unidos), Vadim Kapranov e Solokowsky (Rússia), Marina Maljkovic (Sérvia), Milan Vasojevic (Iugoslávia) e Young (China)

A stylized graphic of a basketball, rendered in shades of brown and orange. The ball is shown from a three-quarter perspective, with thick black and white lines representing the seams. The bottom portion of the ball is filled with a pattern of small, dark brown dots. The text is centered over the lower half of the ball.

O Brasil nos jogos olímpicos

O Brasil nos jogos olímpicos

História e números

O basquetebol feminino brasileiro teve sua primeira participação nos JO, em 1992 quando obtivemos um 7º lugar (2v-3d). A equipe comandada por Maria Helena Cardoso seria a base para a seleção que conquistaria em 1994 o Campeonato Mundial e em 1996 a prata olímpica.

Em 1996, sob o comando de Miguel Ângelo da Luz e com a supervisão do inesquecível professor Waldir Pagan o Brasil, que vinha do título mundial em 1994, chegou de forma invicta à final que seria contra as americanas que haviam sido derrotadas pelas brasileiras em 1994 e obtido o bronze nos JO de 1992.

Em 1998 o Brasil se mantinha no topo do basquetebol feminino mundial, obtendo um 4º lugar no campeonato realizado na Alemanha o que a credenciava para mais uma medalha nos JO de 2000, em Sydney. E assim foi. Apesar de não contar mais com a fantástica dupla Paula e Hortência e uma campanha irregular na fase de classificação, o Brasil, agora liderado por Janeth e dirigido por Antonio Carlos Barbosa, superou a fortíssima Rússia nas quartas de final e se classificou para a semifinal quando foi novamente derrotado pela Austrália. Na disputa de terceiro lugar o Brasil venceu a Coreia e ficou com o bronze olímpico.

Em 2004, em Atenas, nossa seleção contaria novamente com Barbosa na direção técnica e a experiência de Janeth, Alessandra, Leila, Cintia Tuiú, Kelly, Adrianinha e Helen e as novatas Iziane, Érika, Sílvia Gustavo e Iziane.

Em 2008, sob o comando de Paulo Bassul, o Brasil passou por problemas internos e com uma equipe muito reformulada e inexperiente, teve uma de suas piores campanhas, ficando somente como 11º lugar, obtendo somente uma vitória contra Belarus.

Em 2012 o quadro do basquetebol feminino brasileiro não foi muito modificado. Dirigido Luiz Tarallo, um técnico novo, nossa seleção muito modificada e sem as grandes estrelas não passou do 9º lugar com uma vitória contra a dona da casa, Grã-Bretanha.

E, em 2016, em meio a uma grande crise que atingiu o basquetebol brasileiro nossa seleção, mesmo com a volta de Antonio Carlos Barbosa e jogadoras experientes como Érika, Iziane e Adrianinha, não conseguiu uma boa campanha terminando em 11º sem nenhuma vitória, ficando apenas à frente de Mali, por critérios de classificação.

As últimas participações brasileiras em Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais somadas aos problemas de gestão do nosso basquetebol, nos levam a refletir sobre o futuro do esporte no país, especialmente do feminino que conta com um número

reduzidíssimo de equipes e um trabalho de base que precisa ser, urgentemente repensado para que possamos chegar a Tóquio representando dignamente aquele que já foi um basquetebol de primeiríssima linha.

Nossas participações e jogos são relatados a seguir. As vitórias são destacadas em negrito. Após o nome de cada atleta aparece o número de jogos que participou e os pontos feitos.



Classificado Torneio Pré-Olímpico Mundial realizado em Vigo - Espanha

Bra	85	X	70	Ita
Bra	88	X	95	Cub
Bra	64	X	76	Cei
Bra	62	X	74	Tch
Bra	86	X	83	Ita
	77,0		79,6	

Cestinha: Hortência (18,8 pts/jogo)

Reboteira: Janeth (7,8 reb/jogo)

Assist: Paula (4,6 ass/jogo)

Jogadoras: Adriana Santos (4-5), Helen (3-4), Hortência (5-94), Janeth (5-85), Joycenara (3-4), Zezé (3-7), Paula (5-80), Marta (5-59), Nádia Bento (5-7), Ruth (5-26), Simone Pontello (4-8), Vânia Hernandez (5-13)

Técnica: Maria Helena Cardoso

Assistente: Maria Helena Campos (Heleninha)



Classificado como Campeão Mundial de 1994

Bra	69	X	56	Can
Bra	98	X	83	Chn
Bra	101	X	69	Cub
Bra	75	X	73	Ita
Bra	100	X	80	Jap
Bra	82	X	68	Rus
Bra	81	X	60	Ukr
Bra	87*	X	111	Eua
	86,6		75,0	

***Final**

Cestinha: Janeth (17,8 pts/jogo)

Reboteira: Alessandra (8,3 reb/jogo)

Assist: Paula (5,9 ass/jogo)

Jogadoras: Adriana Santos (5-5) , Alessandra (8-74), Cintia Tuiú (8-8), Cláudia Pastor (4-2), Hortência (6-80), Janeth (8-142), Paula (8-130), Branca (8-16), Leila (8-64), Marta (8-136), Roseli (4-2), Sílvia Luz (6-34)

Técnico: Miguel Ângelo da Luz

Assistente: Sérgio Maroneze



Classificado como Vice-Campeão do Pré-Olímpico das Américas realizado em Havana (Cuba)

Bra	76	X	60	Esl
Bra	70	X	81	Aus
Bra	82	X	48	Sng
Bra	70	X	73	Fra
Bra	60	X	61	Can
Bra	68	X	67	Rus
Bra	52	X	64	Aus
Bra	84*	X	73	Cor
	70,3		65,9	

*Disputa do 3º lugar

Cestinha: Janeth (20,5 pts/jogo)

Reboteira: Alessandra (12,0 reb/jogo)

Assist: Helen (3,1 ass/jogo)

Jogadoras: Adriana Santos (7-26), Adrianinha (5-2), Alessandra (8-115), Cintia Tuiú (8-70), Cláudia Neves (8-40), Helen (8-70), Zaine (1-0), Janeth (8-164), Kelly (6-17), Lilian (1-0), Marta (8-41), Sílvia Luz (7-17)

Técnico: Antonio Carlos Barbosa

Assistente: Paulo Bassul



Classificado como Campeão do Pré-Olímpico das Américas realizado na Cidade do México

Bra	128	X	62	Jap
Bra	87	X	75	Gre
Bra	67	X	77	Rus
Bra	82	X	63	Nig
Bra	66	X	84	Aus
Bra	67	X	63	Esp
Bra	75	X	88	Aus
Bra	75	X	88	Rus
	80,9		75,0	

Cestinha: Janeth (18,0 pts/jogo)

Reboteira: Alessandra (8,8 reb/jogo)

Assist: Helen (2,75 ass/jogo)

Jogadoras: Adrianinha (8-27), Alessandra (8-101), Cintia Tuiú (8-30), Érika (7-49), Helen (8-88), Iziane (8-120), Janeth (8-144), Karla (3-17), Kelly (8-21), Leila (7-26), Sílvia Gustavo (7-5), Vivian (6-6)

Técnico: Antonio Carlos Barbosa

Assistente: Paulo Bassul



Classificado no Pré-Olímpico Mundial realizado em Madrid (Espanha)

Bra	65	X	80	Aus
Bra	68	X	53	Blr
Bra	62	X	68	Cor
Bra	78	X	79	Let
Bra	64	X	74	Rus
	67,4		70,8	

Cestinha: Kelly (14,6 pts/jogo)

Reboteira: Kelly (6,8 reb/jogo)

Assist: Adrianinha (2,8 ass/jogo)

Jogadoras: Adrianinha (5-56), Cláudia das Neves (5-30), Fernanda Belling (3-5), Franciele (4-14), Graziane (2-4), Mamá (5-19), Karen Gustavo (5-27), Karla(4-15), Kelly (5-76), Micaela (5-39), Patrícia Chuca (4-17), Ega (5-38)

Técnico: Paulo Bassul

Assistente: Cesar Guidetti



Classificado no Pré-Olímpico das Américas realizado em Neiva (Colômbia)

Bra	58	X	73	Fra
Bra	61	X	67	Aus
Bra	73	X	79	Can
Bra	59	X	69	Rus
Bra	78	X	66	Gbr
	65,8		70,8	Esp

Cestinha: Érika (16,2 pts/jogo)

Reboteira: Clarissa (9,0 reb/jogo)

Assist: Adrianinha (4,4 ass/jogo)

Jogadoras: Adrianinha (5-36), Clarissa (5-63), Damiris (5-20), Érika (5-81), Franciele (4-8), Karla (5-56), Joice (5-21), Nádia Colhado (4-6), Patrícia Chuca (5-23), Sílvia Gustavo (5-13), Tássia (3-2)

Técnico: Luiz Cláudio Tarallo

Assistentes: Cristiano Cedra e Maria do Carmo Mardegan Ferreira (Macau)



Classificado como país sede dos JO

Bra	66	X	84	Aus
Bra	66	X	82	Jpn
Bra	63	X	65	Blr
Bra	64	X	74	Fra
Bra	76	X	79	Tur
	67,0		76,8	Esp

Cestinha: Damiris (16,6 pts/jogo)

Reboteira: Clarissa (12,4 reb/jogo)

Assist: Adrianinha (5,0 ass/jogo)

Jogadoras: Adrianinha (5-18), Tainá (1-0), Joice (5-15), Palmira (5-10), Iziane (5-79), Isabela Ramona (3-2), Clarissa (5-71), Damiris (5-84), Nádía Colhado (4-5), Érika (5-45), Kelly (4-6), Tatiane (0-0)

Técnico: Antonio Carlos Barbosa

Assistente: Cristiano Cedra

O quadro 5 mostra um resumo da participação brasileira nos JO.

Quadro 5: resumo da participação brasileira nos JO: ano, classificação (CL), média de pontos a favor (PF), média de pontos contra (PC), vitórias (V) e derrotas (D)

Ano	CL	PF	PC	V	D
1992	7º	77,0	79,6	2	3
1996	2º	86,6	75,0	7	1
2000	3º	70,3	65,9	4	4
2004	4º	80,9	75,0	4	4
2008	11º	67,4	70,8	1	4
2012	9º	65,8	70,8	1	4
2016	11º	67,0	76,8	0	5

Resumo geral:

Média de pontos a favor: 74,3

Média de pontos contra: 73,1

Vitórias: 19

Derrotas: 25

Os Adversários

O Brasil enfrentou 21 países, dos cinco continentes, em sua trajetória olímpica. Foram 19 vitórias e 25 derrotas.

Austrália e Rússia foram os países que mais vezes enfrentaram o Brasil. As australianas obtiveram sete vitórias enquanto as russas nos venceram cinco vezes e foram derrotadas por duas vezes.

O quadro 6 mostra todos os confrontos do Brasil por continente.

Quadro 6: confrontos do Brasil por continente

Continente	País	V	D
África	Nigéria	1	0
	Senegal	1	0
	Total	2	0
América	Canadá	1	2
	Cuba	1	1
	Estados Unidos	0	1
	Total	2	4
Ásia	China	1	0
	Coreia do Sul	1	1
	Japão	2	1
	Total	4	2
Europa	Belarus	1	1
	Eslováquia	1	0
	Espanha	1	0
	França	0	3
	Grécia	1	0
	Grã-Bretanha	1	0
	Itália	1	0
	Letônia	0	1
	Rússia	2	5
	Tchecoslováquia	0	1
	Turquia	0	1
	Ucrânia	1	0
Total			
Oceania	Austrália	0	7
Total Geral		19	25

Nossas meninas olímpicas – medalhistas

O Brasil foi representado no basquetebol feminino olímpico por 46 atletas. Delas, dezoito tiveram a honra de subir ao pódio, conquistando as medalhas de prata (1996) e bronze (2000)

Cinco atletas estiveram presentes nas duas conquistas:

Adriana Santos – Alessandra – Cintia Tuiú – Janeth

Relação completa das medalhistas e membros da comissão técnica:

1996

Atletas: Alessandra - Adriana Santos – Branca – Cintia Tuiú - Cláudia Pastor - Hortência – Janeth – Leila – Marta - Paula - Roseli – Sílvia Luz

Comissão Técnica: Raimundo Nonato (Chefe da Delegação) - Waldir Pagan (Supervisor) - Miguel Ângelo da Luz (Técnico) – Sérgio Maroneze (Assistente) – Hermes Balbino (Prep.Físico) – Marly Kekorius (Médica) – Denylton Pedro Tossi (Fisioterapeuta) – Jacinto Moura (Mordomo)

2000

Atletas: Adriana Santos – Adrianinha - Alessandra – Cláudia Neves - Cintia Tuiú – Helen – Janeth – Kelly - Lilian – Marta – Zaine

Comissão Técnica: Robert Beck (Chefe da Delegação) – Antonio Carlos Barbosa (Técnico) – Paulo Bassul (Assistente) – João Nunes (Prep.Físico) – Ana Maria Visconti (Médica) – Francine Barreto (Fisioterapeuta) – Matilde Silveira (Atendente)

As 46 atletas olímpicas brasileiras são mostradas no quadro 7, com o número de participações, número de jogos, pontos e média de pontos. Optou-se por manter o nome pelo qual as atletas são conhecidas

Quadro 7 – atletas que participaram dos JO com número de participações (P), ano (A), número de jogos (J), pontos (PTS) e média de pontos (M)

Atleta	P	A	J	Pts	M
Adriana Santos	3	92-96-00	12	36	3,0
Adrianinha	5	00-04-08-12-16	24	139	5,8
Alessandra	3	96 -00-04	24	290	12,1
Branca	1	96	8	16	2,0
Chuca	2	08-12	9	40	4,4
Cintia Tuiú	3	96-00-04	24	108	4,5
Clarissa	2	12-16	10	134	13,4
Cláudia Pastor	1	96	5	2	0,4
Claúdia Neves	2	00-08	11	70	6,4
Damires	2	12-16	10	104	10,4
Ega	1	08	5	38	7,6
Érika	3	04-12-16	17	175	10,3
Fernanda Beling	1	08	3	5	1,7
Franciele	2	08-12	8	22	2,8
Graziane	1	08	2	4	2,0
Helen	3	92-00-04	20	252	12,6
Hortência	2	92-96	11	174	15,8
Isabela Ramona	2	12-16	6	4	0,7
Iziane	2	04-16	13	199	15,3
Janeth	4	92-96-00-04	29	535	18,4
Joice	2	12-16	10	31	3,1
Joycenara	1	92	2	4	2,0
Karen	1	08	5	27	5,4
Karla	3	04-08-12	12	88	7,3
Kelly	4	00-04-08-16	22	117	5,3
Leila	2	96-04	15	90	6,0
Lilian	1	00	0	0	0,0
Mamá	1	08	5	19	3,8
Paula	2	92-96	13	210	16,2
Marta	3	92-96-00	20	236	11,8
Micaela	1	08	5	35	7,0
Nádia	1	92	4	7	1,8

Nádia Colhado	2	12-16	8	11	1,4
Palmira	1	16	5	10	2,0
Roseli	1	96	4	2	0,5
Ruth	1	92	5	26	5,2
Sílvia Gustavo	2	04-12	12	18	1,5
Sílvia Luz	2	96-00	11	51	4,6
Simone Pontelo	1	92	3	8	2,7
Tainá	1	16	0	0	0,0
Tássia	1	12	3	2	0,7
Tatiane Pacheco	1	16	0	0	0,0
Vânia Hernandez	1	92	5	13	2,6
Vivian	1	04	6	6	1,0
Zaine	1	00	0	0	0,0
Zezé	1	92	0	0	0,0

Os técnicos e a técnica

A seleção brasileira feminina olímpica foi dirigida por quatro técnicos e uma técnica.

Maria Helena Cardoso foi a técnica na primeira participação brasileira em JO, em 1992. Foram 2 vitórias e 3 derrotas.

Antonio Carlos Barbosa é o técnico que mais dirigiu nossa equipe em JO – 3 edições (2000 – 2004 e 2016). A campanha de Barbosa é de 8 vitórias e 13 derrotas. Barbosa dirigiu a equipe medalhista de bronze em 2000.

Outro medalhista foi Miguel Ângelo da Luz. Foi em Atlanta, 1996, que ele dirigiu nossa equipe que obteve 7 vitórias e apenas 1 derrota, exatamente na final contra os Estados Unidos.

Paulo Bassul foi o técnico em 2008, em Beijing, conquistando 1 vitória nos cinco jogos realizados.

A mesma campanha foi a de Luiz Cláudio Tarallo, nos JO de 2012 em Londres.

Também vale ressaltar a participação dos assistentes técnicos, que têm uma importância fundamental:

1992 – Maria Helena Campos (Heleninha)

1996 – Sérgio Maroneze

2000 – Paulo Bassul

2004 – Paulo Bassul

2008 – Cesar Guidetti

2012 – Cristiano Cedra e Maria do Carmo Mardegan Ferreira

2016 – Cristiano Cedra

Uma referência especial ao grande professor Waldir Pagan, um dos maiores técnicos do basquetebol feminino brasileiro e que foi o supervisor técnico da equipe medalha de prata em Atlanta.

A arbitragem brasileira

A arbitragem feminina brasileira esteve representada nos JO de 2004 e 2008, respectivamente por Tatiana Steigerwald e Fátima Aparecida dos Santos que também atuou em 2016 como coordenadora da equipe nacional de oficiais.

Nelson Dias (1984), Antonio Carlos Affini (1988 e 1992), Geraldo Fontana (1992), José Augusto Piovezan e José Carlos Pelissari (1996), Carlos Renato dos Santos (2000 e 2004), Cristiano Maranhão (2008, 2012 e 2016), Marcos Benito (2012) e Guilherme Locatelli (2016) foram os demais árbitros brasileiros que também atuaram nas edições do basquetebol feminino nos JO.

Geraldo Fontana também atuou como comissário em várias edições dos JO.



Curiosidades

Curisidades

As contagens centenárias

- Na história do basquetebol feminino nos JO, 34 jogos tiveram contagem centenária. A maior de todas foi a vitória do Brasil sobre o Japão (128 x 62) em Atlanta. Este também foi um dos jogos com a maior diferença de pontos (66), juntamente com o jogo em que a União Soviética venceu a Itália, em 1980, por 119 x 53, quando também foi registrada a maior contagem acumulada dos jogos – 210 pontos

- Os Estados Unidos é o país com o maior número de vitórias centenárias – 19 – seguido da União Soviética com 7, Brasil (3), China (2), Bulgária, Coreia e Japão com uma vitória cada. As três contagens centenárias do Brasil aconteceram em 1996 (Brasil 100 x 80 Japão), 1996 (Brasil 101 x 69 Cuba) e em 2004 (Brasil a28 x 62 Japão)

- A China é o país com o maior número de derrotas centenárias. Foram cinco ao longo do tempo, seguida por Japão (4), Espanha e Cuba (3), Canadá, Estados Unidos, Senegal e Coreia do Sul (2), Bulgária, Itália, Hungria, União Soviética, Tchecoslováquia, Congo, Brasil, Nova Zelândia, Grécia e Sérvia (1). A derrota centenária brasileira aconteceu na final olímpica de 1996 quando o Brasil foi derrotado pelos Estados Unidos por 111 x 87.

Cestinhas

- O basquetebol feminino nos JO teve cestinhas de nove países diferentes. O Brasil lidera com três cestinhas: Hortência (1992 – 18,8), Janeth (2000 – 20,5 pts/jogo) e Érika (2012 – 16,2 – pts/jogo). A Austrália vem a seguir: Laurenn Jackson (2004 – 22,9 pts/jogo) e Liz Cabbage (2016 – 23,5 pts/jogo). Os demais países são: Japão (1976), União Soviética (1980), Coreia do Sul (1984), Bulgária (1988), Cuba (1996), China (2008) e Grã-Bretanha (2012 empatada com o Brasil)

- Três atletas brasileiras estiveram entre as cinco maiores cestinhas dos JO: Hortência (1992 – 1ª - 18,8 pts/jogo); Janeth (1992 – 5ª - 17,0 pts/jogo; 1996 – 17,8 pts/jogo; 2000 – 1ª - 20,5 pts/jogo; 2004 – 4ª - 18,0 pts/jogo); Érika (2012 – 16,2 pts/jogo)

- A principal cestinha dos JO (considerando-se, no mínimo, duas participações) é Uliana Semenova (União Soviética) – 228 pts em 11 jogos. Média 20,7

- A principal cestinha brasileira é Janeth – 535 pts em 29 jogos. Média de 18,4 pts/jogo

Prorrogações

Na história do basquetebol feminino nos JO aconteceram 13 prorrogações.

O Brasil é o país com o maior número de prorrogações – 5 – sendo

duas vitórias e três derrotas:

1992 – Brasil 88 x 95 Cuba (80x80)

1992 – Brasil 86 x 83 Itália (78x78)

2000 – Brasil 70 x 73 França (63 x 63)

2000 – Brasil 84 x 73 Coreia do Sul (65 x 65)

2016 – Brasil 76 x 79 Turquia (60 x 60; 70x70)

A França vem a seguir com três prorrogações (3 vitórias). Além da vitória contra o Brasil em 2000 a França venceu a Austrália (74 x 70 – 65 x 65) e a Grã-Bretanha (80 x 77 – 67 x 67) ambas em 2012.

Os demais jogos com prorrogação:

1988 – China 97 x 95 Coreia do Sul (85 x 85)

1992 – Espanha 92 x 80 Itália (65 x 65 – 78 x 78)

1996 – Japão 95 x 85 Canadá (76 x 76)

1996 – Austrália 74 x 70 Rússia (64 x 64)

2000 – Coreia do Sul 75 x 73 Rússia (69 x 69)

2004 – Espanha 80 x 78 Rep.Tcheca (67 x 67)

Destaques coletivos e individuais

Equipe com o maior número de jogos disputados: Estados Unidos - 69

Equipe com maior número de vitórias: Estados Unidos - 66

Equipe com o melhor percentual de vitórias: Estados Unidos – 95,7%

Equipe com maior número de vitórias consecutivas

: Estados Unidos – 49 (1 em 1992 e 8 em 1996, 2000, 2004, 2008, 2012 e 2016)

Equipes com maior número de derrotas: China (26/48) e Canadá (26/36)

Equipes que nunca venceram nos JO: Angola, Grã-Bretanha e

Mali (0/5); Congo (0/7) e Senegal (0/11)

Equipe com a melhor média de pontos: União Soviética – 109,5 – 1980

Equipe com a melhor média de rebotes: Estados Unidos – 48,5 – 2008

Equipe com a melhor média de assistências: Estados Unidos – 27,9 – 2016

Equipe com o maior número de pontos em uma única partida:

Brasil – 128 – 2004 (128 x 62 Japão)

Equipe com o maior número de rebotes em uma única partida:

União Soviética – 64 – 1976 (115 x 51 Canadá)



**Emoções e Fatos
Marcantes**

Equipe com o maior número de assistências em uma única partida:

Estados Unidos – 40 – 2016 (105 x 62 China)

Atleta com o maior número de pontos em uma única partida:

Slavtcheva (Bulgária) – 39 pontos - 1988 (98 x 87 Coreia do Sul)

Atleta com o maior número de rebotes em uma única partida:

Ulijana Semenova (União Soviética) – 21 – 1980 (104 x 73 Bulgária) e

Elena Baranova (União Soviética) – 21 – 1996 (70 x 74 Austrália)

Atleta com o maior número de assistências em uma única partida:

Tereza Edwards (Estados Unidos) – 15 – 1996 (96 x 79 Austrália)

Emoções e Fatos Marcantes

A participação em Jogos Olímpicos, por si só, deve ser uma emoção fantástica. Representar um país, conviver com pessoas de todo o mundo, competir com os melhores atletas, conhecer novas culturas, tudo isto é uma experiência inesquecível.

Neste capítulo trago depoimentos de atletas, técnicos e membros das comissões técnicas das equipes femininas que representaram o Brasil no basquetebol feminino.

A eles foram feitas duas perguntas:

- Qual a emoção de representar o Brasil nos Jogos Olímpicos? E
- Qual ou quais foram os momentos mais marcantes dessa participação?

Adriana Santos (Atleta: 1992; 1996 – Medalha de Prata e 2000 – Medalha de Bronze. Coordenadora e Juramento dos Técnicos – 2016)

“Estar em uma olimpíada é o sonho de todo de todo atleta e comigo não foi diferente. Representar o seu país, vestir a camisa do Brasil é algo indescritível. Minha primeira olimpíada eu tinha apenas 21 anos (Barcelona) eu pensei estar em um sonho quando entrei no estádio olímpico na abertura. Tive a honra de participar de mais 2 olimpíadas (Atlanta e Sidney) e subir ao pódio sem dúvida nenhuma foram as maiores emoções da minha vida. No Rio 2016 agora já na minha quarta olimpíada pude ter outra experiência. Agora fora das quadras como coordenadora. Confesso que as emoções mudam completamente rrsr (melhor poder ter a bola nas mãos). E por fim uma honra enorme me foi dada, fazer o juramento dos técnicos foi um dia em que guardarei no meu coração e na minha memória. Só Deus sabe a emoção que senti naquele momento.

Ganhar a Prata com o ginásio lotado, vencer a Rússia na semi-final e consequentemente o bronze em Sidney e o juramento dos técnicos no Rio 2016 foram momentos mágicos”.

Alessandra Santos Oliveira (Atleta: 1996 – Medalha de Prata; 2000 – Medalha de Bronze; 2008)

“Participar de um evento como os Jogos Olímpicos é uma emoção única, pois nunca pensei de ser uma jogadora de alto nível e estar na elite, incrível quando fui a primeira vez, nunca pensei que retornaria e participar de 3 edições foi o máximo. Sentimentos difícil de descrever.

São vários momentos inesquecíveis, como ser titular na minha primeira participação, jogar no Georgia Dome a final olímpica contra as donas da casa. Fazer a cesta nos últimos segundos contra a Rússia em 2004 para ir para semifinais e ter contribuído muito para o meu país conquistar duas medalhas olímpicas. E um momento de frustração foi terminar em quarto lugar em Atenas”.

Antonio Carlos Barbosa (Técnico: 2000 – Medalha de Prata; 2004 e 2016)

“Sem duvida é muito grande a emoção e mesmo realização pessoal dentro do basketball, a participação desta que é a competição mais importante e o sonho de atletas e tecnicos de participar, e tenho o ainda mais a honra de ter sido o tecnico brasileiro que mais participou de Olimpíadas tanto no masculino como no feminino com tres participações.

A medalha de bronze conquistada em Sidney teve um significado muito maior pelas circunstâncias, uma equipe renovada, primeira competição de importância sem Paula e Hortencia, e viemos de uma fase de grupos desacreditados e vencemos a Russia em uma semifinal épica. E ainda a medalha de bronze contra a Coreia veio na prorrogação”.

Cláudia das Neves – Claudinha (Atleta: 2000 – Medalha de Bronze; 2008)

Foi a maior emoção da minha vida, um misto de realização, felicidade e orgulho. Representar o país nos Jogos foi o ápice da minha carreira. Corresponder às expectativas de uma nação dá medo, mas é também a oportunidade de levar alegria para tantas pessoas que não conhecemos, e que estão torcendo por nós do início ao fim.

Foram muitos os momentos marcantes, vou destacar 3: a chegada na Vila Olímpica, o primeiro treino na quadra oficial dos Jogos e, sem dúvida, o momento do pódio Olímpico (Sydney 2000 medalha de bronze).

Fátima Aparecida da Silva (Árbitra: 2008; Coordenadora Nacional de Oficiais – 2016)

“A emoção começou quando recebi a designação da FIBA para os Jogos Olímpicos. Parecia que meu coração sairia pela boca, que havia ganhado na mega sena. A felicidade foi enorme pela perspectiva de completar meu sonho como árbitro, pois anos anteriores já havia participado e representado o Brasil em Campeonatos Mundiais e, então, participaria do maior evento multiesportivo do mundo. Dentre excelentes oficiais que compunham o quadro de Árbitros Internacionais, no Brasil e no Mundo, na oportunidade, senti-me, extremamente, honrada e em êxtase, pela nomeação. A qual foi compartilhada com outros dois brasileiros: Geraldo Miguel Fontana e Cristiano de Jesus Maranhão.

Foram vários os momentos marcantes. Começou com a saída do Brasil e a recepção no aeroporto de Pequim. Depois a primeira reunião com todos os oficiais da FIBA e o recebimento dos uniformes. O reconhecimento do complexo esportivo e a foto oficial. A cerimônia de abertura com a batida dos tambores e a cerimônia de encerramento. O primeiro jogo – Estados Unidos x República Tcheca. A visita às Muralhas da China e o retorno ao Brasil com festas de recepção nos colégios Anglo Brasileiro e EMEF Professor Queiroz Filho”.

Helen Luz (Atleta: 1992; 2000 – Medalha de Prata; 2004)

“Desde pequena eu tinha na minha cabeça que seria atleta da seleção de basquete e que iria defender o Brasil. Tive a oportunidade de participar da primeira olimpíada em que o Basquete feminino fez a sua participação em Barcelona e realmente para uma atleta de 19 anos na época foi o sonho a ser realizado. Não tem palavras que eu consiga dizer aqui pra explicar aquele momento onde todos os atletas em uma mesma atmosfera convivendo e defendendo os seus países e eu lá vestindo a camisa da nossa seleção. Não fomos bem essa é a verdade. Mas a experiência foi única. Depois para mim veio Sidney onde a seleção foi meio desconfiada, pois já não tínhamos mais nem Hortência e Paula e ali sim eu pude jogar com mais responsabilidade e pude contribuir para tão importante medalha de bronze para o nosso basquete. Diria que toda a equipe tirou um peso de cima pois tivemos que provar para nós mesmas que éramos capazes de tal feito. Em Atenas tivemos uma quarta colocação que hoje a considero de extrema importância. Não é porque você não trás uma medalha olímpica que o seu valor é menor, é muito difícil e você sabe, que a tão sonhada medalha apenas fica para três equipes. Olimpíada é momento e quem souber aproveitar melhor tem a chance de conquista-la.

Para mim estar em Barcelona foi um grande sonho e obviamente subir ao pódio e celebrar a conquista do Bronze em Sydney foi mágico, especialmente porque estava em família, junto com a minha irmã Sivia”.

Hermes Balbino (Preparador Físico: 1996 – Medalha de Prata)

“O sonho olímpico está sempre presente na mente de quem está envolvido com o esporte, direta ou indiretamente. Meu primeiro contato com os Jogos aconteceu em 1976 quando eu assistia com amigos as competições pela TV. E eu dizia a eles que um dia estaria cantando o hino nacional em um pódio olímpico. Era um sonho cantar o hino, vendo a bandeira brasileira do alto do pódio. Esse sonho é muito forte e representa o sentimento de estar conectado com todos os brasileiros que também alimentam esse sonho. Entrar no estádio olímpico na cerimônia de abertura é uma sensação inigualável. A vibração é incrível e é a realização do sonho de criança. Neste momento a gente lembra de todas as pessoas que de alguma forma participaram para que aquele momento se concretizasse. A família, os amigos, as atletas, enfim toda a nação brasileira. Naquele momento você sai do chão e entra em outra dimensão, mas também significava que dali para frente começava o trabalho e aumentava a responsabilidade. Enfim uma alegria inigualável.

Foram muitos os momentos. Destaco os seguintes: o mais impactante, e que me emociona até hoje, foi a entrada no estádio olímpico, palco da abertura, quando passamos pelo portal para descer a rampa rumo à pista. Este momento é inesquecível. Tivemos um momento bem marcante também, que mostrou nossa capacidade de focar em nossa missão olímpica, que foi a entrada no Geórgia Dome, o ginásio onde seria disputado o basquetebol. Imenso, 42 mil lugares. Aquelas dimensões imensas poderiam tirar o foco das atletas e lá fizemos um ótimo trabalho para focar no que realmente interessava, que era o ambiente do jogo em si. Um outro momento que destaco foi uma sessão de treino em uma escola distante do local dos jogos, onde pudemos ter uma conversa decisiva para filtrar os interesses do grupo, apoiados pelo prof. Waldyr Pagan onde estabelecemos um lema que nos guiou, que foi o “menos é mais”, ressaltando o foco no que interessava. Um outro momento marcante foi o jogo e a vitória contra a Rússia, que foi a primeira em competições oficiais. Tivemos também a semifinal contra a Ucrânia, que para mim foi o melhor jogo da nossa equipe que eu tinha visto e participado até aquele momento. No entanto, neste jogo ficamos com a sensação do dever cumprido e acredito que levamos para a final essa sensação de que o importante era estar na final, jogando abaixo das nossas capacidades. Mas, como estar numa final olímpica não é para qualquer um, também a final olímpica foi um momento **e uma experiência inesquecível!**”

Joycenara Batista - Joyce (Atleta: 1992)

“Olimpíada é o sonho máximo de qualquer atleta, e estar neste evento representa a glória de todo o esforço e dedicação durante anos. Foi uma emoção indescritível e lembrada até hoje.

Na minha opinião começou já no pré-olímpico, que foi em Vigo na Espanha. O basquete feminino do Brasil jamais tinha conseguido classificar-se para a Olimpíada e foi exatamente neste que conseguimos a tão sonhada classificação. Aí vieram os treinos e a preparação para a Olimpíada de Barcelona em 1992. Quanta expectativa!!! E chegou o grande dia. Lembro da chegada no aeroporto, da entrada na Vila Olímpica, que emoção. Mal sabia eu o que sentiria na abertura. Que lindo. Minhas pernas tremiam. Quando vi o Dream Team americano, com meus grandes ídolos ao meu lado, pensava: Meus Deus! Eu estou aqui também. Foi mágico. Vieram os jogos, não fomos muito bem, mas estávamos lá. Que glória. E por fim o desfile de encerramento, na minha opinião o melhor, porque já não se tem mais preocupações com jogos e resultados. O protocolo é mais relaxado, e é aí que os atletas se soltam e realmente curtem o evento. Como nos divertimos e nos emocionamos. Foi indescritível, emocionante e inesquecível”.

Maria Helena Cardoso (Técnica: 1992)

“Creio que todo esportista no mundo tem como meta maior estar um dia disputando os Jogos Olímpicos. Como dediquei minha vida ao esporte, como jogadora e técnica de Basquetebol Feminino, não poderia ser diferente. Trabalhei durante 20 anos de minha carreira sonhando em estar em uma Olimpíada. Como jogadora, participei do jogo demonstração para o COI decidir da inclusão do Basquete Feminino nos Jogos Olímpicos. Brasil x Checoslováquia, em Madrid, 1965. Entretanto o basquetebol Feminino somente foi incluído em 1976, quando eu já não jogava mais. Comecei então minha carreira de técnica, mas o sonho olímpico continuava em mim. Daí poder ser a técnica da Seleção Feminina, que pela primeira vez conseguia sua participação, foi a realização de um sonho de muitas gerações de atletas do Basquetebol Feminino do Brasil, e meu maior ainda. Nas Olimpíadas de Barcelona meu sonho se realizou e minha emoção foi imensa.

Momento marcante negativo, foi a não classificação para a Fase Final e poder disputar uma medalha, já que eu tinha confiança que nossa seleção estava pronta para essa façanha, após a grande performance no Jogos Pan-Americanos de Cuba e o momento marcante positivo foi a entrada no Estádio Olímpico como representante do Brasil no maior acontecimento esportivo do mundo”.

Maria Paula Gonçalves – Magic Paula (Atleta: 1992; 1996 – Medalha de Prata)

“A emoção é imensa. Os Jogos Olímpicos são a maior festa do esporte por reunirem todos os melhores atletas de muitas modalidades. Foi um privilégio poder estar ao lado dos maiores do mundo duas vezes seguidas, ainda mais medalhando em uma equipe histórica.

Eu fiquei muito emocionada por ser a escolhida para representar o Brasil na cerimônia de encerramento. Diferentemente da abertura, quando toda a delegação está junta, no encerramento você tem a sensação da responsabilidade de ser o Brasil naquele momento e o reconhecimento de estar representando todos os atletas. Além do mais, houve a adrenalina extra de praticamente sair da quadra e correr para o desfile”.

Miguel Ângelo da Luz (Técnico: 1996 – Medalha de Prata)

“Representar o meu país, sempre foi um sonho desde a época de atleta. Posso afirmar, que foi um dos fatos mais marcantes na minha carreira. Confesso que tive de controlar minhas emoções para que não deixasse influenciar minha motivação e concentração. Afirmando que foi o ápice na minha carreira. Não foi à toa que no término da última partida, desabei a chorar.

Participar do desfile de abertura, conviver com atletas consagrados na vila olímpica, poder assistir outras competições foram momentos marcantes. A disputa da final olímpica, destaco como o momento mais especial”.

Paulo Bassul (Assistente técnico: 2000 – Medalha e Prata e 2004; Técnico – 2008)

“Os Jogos Olímpicos representam a competição mais especial que existe, sendo a única que engloba os melhores atletas do planeta em todas as modalidades de todos os países em um único local. A sensação de defender seu país nos Jogos Olímpicos é indescritível. É um orgulho e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande, porque tudo que acontece ali reverbera muito mais do que em outras competições.

O momento mais marcante para mim foi a vitória no jogo contra as russas no “mata-mata” das Olimpíadas de Sydney. Vínhamos de uma campanha muito irregular na primeira fase e a Rússia ficou em 2º lugar no outro grupo, atrás apenas da seleção americana. Além disso, as russas eram as vice-campeãs mundiais na época. Ou seja, elas eram favoritas no confronto. Conseguimos derrotá-las por apenas um ponto com uma cesta da Alessandra nos últimos segundos e esse jogo nos colocou definitivamente no caminho da medalha de bronze que acabamos conquistando”.

Sérgio Maroneze (Assistente Técnico: 1996 – Medalha de Prata)

“Indescritível. Principalmente porque em Atlanta não estávamos como figurantes, mas como protagonistas. Havia muita expectativa depois da medalha de ouro do Campeonato Mundial de dois anos antes.

O primeiro momento foi na partida contra a Itália, quando a Magic Paula não teve a companhia da Hortência (lesionada) e a Janete decidiu o jogo nos últimos segundos num jogo de muita superação. O segundo foi na semifinal contra a Ucrânia, quando a equipe garantiu a disputa do ouro de forma afirmativa, sem deixar dúvidas com relação à evolução do grupo.”

Sílvia Luz (Atleta: 1996 – Medalha de Prata; 2000 – Medalha de Bronze)

“Emoção única vinda de muita responsabilidade por estar representando uma nação na nossa modalidade. O evento eu diria um dos mais representativos pela grandeza de estar tantos países, atletas modalidades juntos em busca do mesmo objetivo. Para mim em especial disputar minha primeira Olimpíada (96) com 21 anos foi o máximo da minha carreira que eu poderia imaginar.

Um momento marcante foi a entrada na Vila Olímpica. Daí você se dá conta do tão grande seria o momento a disfrutar e com certeza competir pelo seu país. O segundo momento, óbvio, a medalha sendo colocada no peito. Difícil descrever em palavras. Momento único”.

Vânia Hernandez (Atleta: 1992)

“Quanto a emoção, dizer que foi única e indescritível seria pouco. De fato, me senti a brasileira mais amada e querida. Naquele momento tive a certeza que o meu país estava sendo representado com o respeito e garra que merecia. E se isso é pouco meu querido Dante, me senti grande, poderosa e

ORGULHOSA DE REPRESENTAR O BRASIL JOGANDO BASQUETE.

Os momentos mais marcantes foram a chegada a Vila Olímpica ou melhor, ao mundo novo, repleto de belezas e desafios. E o desfile de abertura, quando pisei na pista pela primeira vez como atleta olímpica”.



Referências

Referências

- Cardoso, M. Os arquivos das Olimpíadas. São Paulo: Panda Books, 2000.
- Carmona, L. e col. Brasileiros Olímpicos. São Paulo: Panda, 2000
- Comitê Olímpico Brasileiro. Sonhos e conquistas: o Brasil nos Jogos Olímpicos do século XX. Rio de Janeiro: COB, 2004
- Cruz, A., Algarra, M.A. Los records del basket. Madrid, Biblioteca Samaranch, 1997
- Escamilha, P. História del Baloncesto Olímpico: St Louis 1904 – Barcelona - 1992. Madrid: Biblioteca Samaranch, s/d.
- FIBA. International Basketball results. Munich: FIBA, 1982
- FIBA. 1930-2001: Basketball results. Germany: International Basketball Federation, 2003.
- Kessous, M. 100 histórias dos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: edições de Janeiro, 2016.
- Litvin, A. 1000 curiosidades olímpicas que todo recordista deveria saber. São Paulo: Vergara e Ribas, 2016
- Williams, D. Great moments in olympic basketball. Minneapolis, Abdo -Publishing, 2015
- Sites
 - www.fiba.com
 - https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Olympic_medalists_in_basketball
 - https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Olympic_medalists_in_basketball#Women
 - www.vivaobasquetebol.wordpress.com
 - http://archive.fiba.com/pages/eng/fa/p/fromseason/1930/toseason/2016/q/Olympic%20Games%3A%20Tournament%20for%20Women/cid//_/events.html
 - www.cbb.com.br
 - www.cob.org.br
 - <https://www.olympic.org/the-ioc>
 - <http://library.la84.org/6oic/OfficialReports/>
 - <http://www.cbb.com.br/PortalCBB/Selecoes/SE/144?t=7>



O Autor

Amante do Basquetebol desde os 10 anos de idade quando começou a praticar a modalidade, em 1972 ingressou na Escola de Educação Física da USP com o objetivo de ser técnico de basquetebol.

Exerceu a profissão a partir de 1974 quando atuou na Associação Brasileira “A Hebraica”. Depois vieram o Clube Tamoio de São Caetano do Sul, Sociedade Esportiva Palmeiras, Esporte Clube Pinheiros, Colégio Santo Américo. Clube Atlético Monte Líbano e Clube Payneiras do Morumbi.

Em 1977, paralelamente às atividades de quadra, abraçou a carreira acadêmica como docente atuando na Escola Superior de Educação Física de Jundiaí, FEFISA de Santo André, FEC de São Caetano do Sul e Escola de Educação Física da USP onde permaneceu até 2006 ministrando as disciplinas Basquetebol, Psicologia do Esporte e Pedagogia do Esporte (nos cursos de Graduação) e Esporte e Atividade Física na Infância e Adolescência (no curso de Pós-Graduação).

Em 1985 concluiu o curso de Mestrado em Educação Física pela Escola de Educação Física da USP e, em 1996, doutorou-se em Psicologia Social e do Trabalho pelo Instituto de Psicologia da USP.

Em 1999 obteve o título de Livre Docência e em 2003 tornou-se Professor Titular da Escola de Educação Física da USP.

Em 2005 assumiu a Coordenação do curso de Ciências da Atividade Física da recém-criada Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP da qual tornou-se Diretor em 2006 exercendo a função até 2010. Na EACH aposentou-se em 2012.

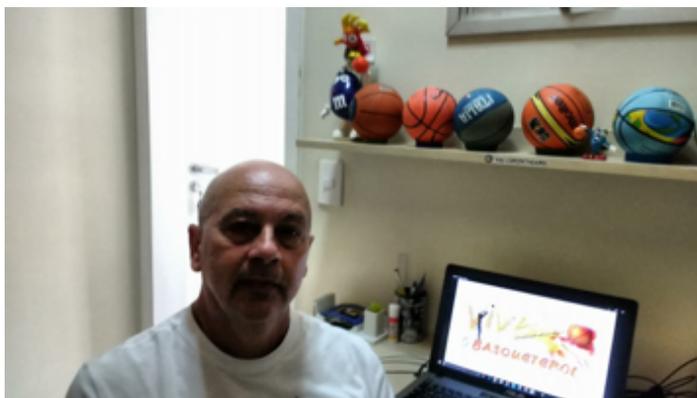
Além das atividades acadêmicas participou e ainda atua em diversos eventos nacionais e internacionais destacando-se congressos, clínicas, palestras em encontros de basquetebol. Também foi um dos responsáveis pela implantação da estatística em campeonatos de basquetebol no Estado de São Paulo, no Brasil e em diferentes campeonatos internacionais.

É autor e co-autor dos seguintes livros:

- Educação Física da Pré-Escola à Universidade – EPU – 1980
- Basquetebol técnicas e táticas: uma abordagem didático- pedagógica – EPU/EDUSP (1987/2003/2010)
- Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática – Manole (2004)
- Esporte e atividade física na infância e adolescência – Artmed (2005/2009)
- Modalidades esportivas coletivas – Guanabara Koogan (2006)
- Minibasquetebol na Escola – Ícone (2015)
- O basquetebol masculino nos Jogos Olímpicos: história e participação do Brasil – EACH-USP (2017) – disponível em

Também é autor de vários capítulos de livros e responsável pelo blog Viva o Basquetebol – www.vivaobasquetebol.blog

Atualmente é membro e sócio fundador da Rede Internacional de Basquetebol Educativo (RIBE) – responsável pelo núcleo de São Paulo – ministrando cursos, clínicas e palestras no Brasil e América do Sul e consultor do programa Hebraica – dos 2 aos 20 da Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo.



O livro "O basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos" é mais um resgate da história do nosso esporte na mais importante competição esportiva do mundo. E desta vez o alvo são as mulheres que brilharam e brilham nas quadras olímpicas.

As atletas aqui são reportadas através de números, resultados, conquistas e fatos.

O Brasil também é reverenciado com o resgate de todas as nossas atletas olímpicas, seus jogos e pontuação com destaque para nossas medalhas de prata (1996) e bronze (2000).

E para terminar, depoimentos que nos remetem a fatos e momentos marcantes de técnicos, integrantes de comissões técnicas e atletas que representaram de forma honrosa nosso país nesse importante evento esportivo.

Convido a todos para esse passeio histórico e espero que se divirtam com a leitura.